

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**  
**CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO**  
**BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**NATALLIA CAROLINABLANCO GARIAZZO**

**OPERAÇÃO CONDOR: COORDENAÇÃO E COOPERAÇÃO NO CONE SUL**

**Santana do Livramento**

**2016**

**NATALIA CAROLINA BLANCO GARIAZZO**

**OPERAÇÃO CONDOR: COODERNAÇÃO E COOPERAÇÃO NO CONE SUL**

Trabalho de conclusão de curso de Relações internacionais, Turno Integral, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

Orientador. Prof. Dr. Vitor Hugo Veppo Burgardt

**Santana do Livramento**

**2016**

## **ERRATA**

**NATALIA CAROLINA BLANCO GARIAZZO**

**OPERAÇÃO CONDOR: COORDENAÇÃO E COOPERAÇÃO**

Projeto apresentado para avaliação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, do curso de Relações Internacionais, turno integral, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.  
Banca examinadora

---

Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Me. Rodrigo Benetti  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Dra. Alessandra Troian  
(UNIPAMPA)

**Santana do Livramento**

**2016**

## **DEDICATORIA**

Dedico este trabalho a minha família, que sempre me incentivou, acreditando no meu potencial acima de tudo, não desistindo de mim em nenhum momento. Amo vocês.

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente ao meu orientador Victor Hugo Veppo Burgaht pela paciência e persistência na execução desde trabalho durante todos os meus anos acadêmicos, sendo escolhido como orientador já no meu primeiro semestre da faculdade. Agradeço aos meus colegas da primeira turma, por sempre estarem presentes nas minhas lembranças mais ternas dos primeiros anos de universidade, assim como os professores, que além de nos instigar a sempre aprendermos algo novo, tornaram-se amigos valiosos para toda a vida.

Não poderia deixar de agradecer pessoas mais que especiais ao longo dessa jornada acadêmica, como Bruna Figueiredo, Mariana Lopez e Luiz Junior. Colegas, amigos e irmãos que a vida me deu. Sempre dispostos a ajudar uns aos outros, com verdades e conselhos de um valor inestimado pra mim. Apesar de as estradas da vida nos levarem para caminhos diferentes, tenho certeza que a amizade que nos uniu apenas fortalecerá o sentimento que já temos uns pelos outros.

Os últimos dois anos da universidade foram de uma luta intensa entre a motivação e a força de vontade para encerrar esse ciclo, os quais encontrei em um grupo diferente, que me acolheu de maneira carinhosa e bastante divertida, Marcia Aguirre, Laureane Aguirre, Sandra Mari Fros, Caroline Alves, Eduarda Apoitia. Alinne Castro. Meninas eu não tenho palavras para explicar a maneira como vocês foram de suma importância para eu finalizar meu curso. Muito obrigado.

E por fim, quero exaltar minha **GRATIDÃO ETERNA A TODA A MINHA FAMÍLIA**, que da maneira deles me deram o suporte e motivação para a realização de uma universidade. Muitos já não estão presentes neste plano, mas com certeza felizes pela realização de mais essa vitória. Amo vocês.

“Sou por aqueles que nunca foram dominados,  
pelos homens e mulheres cujo temperamento  
nunca foi dominado. Por aqueles cujas leis,  
teorias, convenções, jamais conseguem  
dominar.”

Walt Whitman

## **RESUMO EM LIGUA VERNACULA**

O estudo a seguir trata sobre o envolvimento das Forças Armadas na Operação Condor, durante os Regimes Militares na América Latina durante a Guerra Fria. A maneira como as Forças Armadas constituíram uma aliança de repressão ao comunismo dentro e fora dos seus territórios nacionais. O envolvimento dos Estados Unidos através da aplicação da Doutrina de Segurança Nacional na América Latina e o apoio tecnológico e tático das agências de inteligência estadunidenses para a efetividade da execução da Operação Condor durante os momentos mais sombrios das ditaduras latino-americanas. A explanação da conjuntura da Guerra Fria em âmbito internacional como um referencial histórico dando em plano fundo para os acontecimentos no terceiro mundo, onde ocasionou o posicionamento dos países do Cone Sul como defensores dos interesses estadunidenses, contra a expansão do movimento comunista dentro do território americano, agindo como atores eliminadores de possíveis focos esquerdistas dentro da região, através de uma alianças entre as agências de inteligência dos países membros do Cone Sul, para o monitoramento, prisão e eliminação dos alvos.

Palavras-chaves: Anticomunismo, Guerra Fria, Doutrina de Segurança Nacional, Ditadura militar, Operação condor, Repressão, Cone Sul, Terrorismo de Estado.

## **RESUMO EM LINGUA ESTRANGEIRA**

Luego, el documento se refiere a la participación de las fuerzas armadas en la Operación Cóndor, durante los regímenes militares en América Latina durante la Guerra Fría. La forma en que las fuerzas armadas formó una alianza de la represión del comunismo dentro y fuera de sus territorios nacionales. La participación de los Estados Unidos mediante la aplicación de la Doctrina de Seguridad Nacional en América Latina y el soporte tecnológico y táctica de las agencias de inteligencia de Estados Unidos a la eficacia de la ejecución de la Operación Cóndor durante los momentos más oscuros de las dictaduras de América Latina. La explicación de la situación de la Guerra Fría internacionalmente como una referencia histórica que da lo plano de fondo de los acontecimientos en el Tercer Mundo, lo que llevó a la colocación de los países del Cono Sur como defensores de los intereses de Estados Unidos, contra la expansión del movimiento comunista dentro del territorio americano en calidad de agentes eliminadores de posibles focos de izquierda dentro de la región a través de una alianza entre las agencias de inteligencia de los países miembros del Cono Sur para monitorear, detención y eliminación de objetivos.

Palabras clave: comunismo, la Guerra Fría, la Doctrina de Seguridad Nacional, la dictadura militar, la Operación Cóndor, la represión en América del Sur, Cono Sur, Terrorismo del Estado.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
2. Guerra Fria em âmbito mundial.....	17
2.1. Estados Unidos versus União Soviética.....	17
2.2. O lado econômico da Guerra Fria.....	22
3. América Latina e Segurança Nacional.....	<b>26</b>
3.1. Doutrina de Segurança Nacional.....	27
3.2. Da doutrina à prática.....	30
3.3. Cone sul e seus regimes militares.....	32
3.4. A repressão nos principais estado-membro da operação condor.....	34
4. Operação Condor.....	<b>37</b>
4.1. A Operação Condor.....	37
4.2. A oficialização da operação.....	39
4.3. As fases do voo do condor.....	43
4.3.1. Primeira fase.....	44
4.3.2. Segunda fase.....	45
4.3.3. Terceira fase.....	46
4.4. A participação dos estados unidos na operação condor.....	48
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>53</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Em um contexto de Guerra Fria, os dois grandes protagonistas da política mundial foram os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) que constituíram dois blocos antagônicos, coagindo os demais países a posicionarem seu apoio a algum dos blocos. A bipolaridade existente nesse período de Guerra Fria cominou os países da América Latina a posicionarem seu apoio a uma superpotência, e assim defender seus interesses.

Com o posicionamento dos países apoiando os EUA, a região se tornou um importante aliado contra a expansão comunista. Após os eventos em Cuba, como o apoio da URSS à ideologia socialista no país e, em consequência a chamada Guerra dos Misseis e, assim como no continente asiático, a Revolução Socialista da China, a formação do Vietnã do Norte e a guerra entre as Coreias, os EUA auxiliaram os países do Cone Sul a fortalecerem sua integração e aperfeiçoarem as defesas contra a expansão comunista no continente americano.(AGUILAR, 2011)

Desta forma, um mecanismo de integração de informações de inteligência nacional<sup>1</sup> foi criado, mecanismo este que expunha dados de pessoas ligadas à subversão e que, posteriormente, foi chamado de *Operação Condor*. Esta Operação vai se efetivar num contexto em que os regimes militares já se encontravam bem estruturados, ou seja, a América Latina, em geral, já se encontrava, aparentemente, bem afinada com a política externa de Washington e as substituições de governos inconvenientes a esta ocorria de forma sistemática, ainda que os movimentos de esquerda estivessem atuando na clandestinidade contra os regimes.

Tras la sustitución de Richard Nixon por Geral Ford, ocurrida a raíz del Escándalo de Watergate, esa política se mantiene, como se demuestra el golpe de Estado em Argentina de marzo de 1976, a partir del cual los gobiernos militares de esse país se dedican a exportar el esquema de ditadura de “seguridade nacional” (REGALADO, idem, ibidem).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. colóquio com um militar da reserva do Exército brasileiro, um exemplo da integração entre os serviços de inteligência das Forças Armadas foi o Sistema de Informações Brasil Uruguai (SIBU) que, entre outras contribuições, facilitou a captura no Brasil do casal uruguaio Lilian Celiberti e Universindo Dias, envolvendo policiais dos dois países, com a posterior repatriação. (PADRÓS, 2005) (MARMONTEL, 2014) (AGUILAR, 2011).

<sup>2</sup> Tradução nossa: Depois da substituição de Richard Nixon por Geral Ford, ocorrida na raiz do escândalo de Watergate, essa política se mantém, como demonstra-se no golpe de Estado na Argentina de março de 1976, a

Os chamados regimes militares da América Latina se fortaleceram durante a segunda metade do século XX, implantados a partir de golpes de Estado, ocorridos por todo o continente. Entre estes, é interessante para o presente trabalho, assinalar o golpe promovido por Alfredo Stroessner, no Paraguai, em 1954, além dos golpes promovidos posteriormente: em 1964 no Brasil, 1966 e 1976 na Argentina, 1971 no Uruguai e 1973 na Bolívia e no Chile, aqui denominados golpes no Cone Sul<sup>3</sup>.

Frente al auge de las corrientes nacionalistas y revolucionarias en América Latina, la reacción de la administración Nixon es la desestabilización y el errocamento de los gobiernos que considera una amanza al “interés nacional” de los Estados Unidos y la implantación de nuevas dictaduras, entre ellas, las resultantes del golpe de Estado que derroca al general Juan José Torres en Bolivia (agosto de 1971), del autogolpe de Juan Maria Bordaberry en Uruguay (junio de 1973) y, en especial, del golpe de Estado en Chile del 11 de setiembre de 1973 contra el gobierno constitucional Salvador Allende<sup>4</sup> (REGALADO, 2006, p 146).

A chamada Operação Condor, ao que parece, foi uma avançada rede de transferência de informações entre os países do Cone Sul, a princípio para monitoramento de pessoas ligadas a movimentos de esquerda que estivessem dentro de países estrangeiros latino-americanos. Neste contexto, a operação, em sua segunda fase, deu origem à prisões, sequestros, torturas e assassinatos de pessoas ditas subversivas, em uma ação conjunta entre os países envolvidos. Em sua última fase, aparentemente, a Operação Condor teve sua atuação além da América Latina, estendendo suas ações a todo conjunto do continente americano, Europa e países africanos que partilhavam a ideologia comunista.

Com a ajuda dos EUA, os exércitos latino-americanos tiveram um aprimoramento e um *upgrade* no comportamento de atuação e modo de identificação de indivíduos que poderiam ter ligações com movimentos de esquerda ou que seriam opostos ao sistema

---

partir do qual os governos militares desse país dedicam-se a exportar o esquema de ditadura de “segurança nacional”.

<sup>3</sup> Ainda dentro da América Latina houve mais golpes, dentre eles está o golpe no Peru (1968), Equador (1972), e os golpes na Venezuela (1958 e 1962). Apesar destes países não integrarem o grupo do Cone Sul, possuíam ligações com a Operação Condor e colaboraram com ações militares.

<sup>4</sup> Tradução nossa: Frente o auge das correntes nacionalistas e revolucionárias na América Latina, a reação da administração é o desestabilização e o errocamento dos governos que considera uma ameaça ao “interesse nacional” dos Estados Unidos e a implantação de novas ditaduras, entre elas, as resultantes do golpe de ;Estado que derrota o General Juan José Torres em Bolivia (agosto de 1971), do autogolpe de Juan Maria Bordaberry no Uruguai (Junho de 1973) e, em especial o golpe de Estado do Chile em 11 de setembro de 1973 contra o governo constitucional Salvador Allende.

proposto pelos regimes, auxiliando assim as Forças Armadas a combaterem a expansão comunista dentro do continente.

A Operação Condor foi desencadeada no contexto das chamadas ditaduras militares, durante as décadas de 1970 a 1980 e auxiliou os países do Cone Sul no combate à expansão comunista propagada, principalmente, pela União Soviética. Com um avançado mecanismo de transferência de informações sobre pessoas ligadas à subversão, os países do Cone Sul praticaram as já aludidas prisões, sequestros e assassinatos usando como justificativa a Segurança Nacional.

O combate ao modelo comunista, desenvolvido pelos governos militares, fê-los deixarem de lado suas diferenças regionais, optando pelos mesmos motivos que os impulsionaram a interagirem através de um mecanismo de informações centrais contra pessoas que possuíam ligações com grupo de esquerda ou contrário ao governo militar vigente.

Percebe-se, porém, que a Operação Condor, ao que parece, esteve mais voltada, prioritariamente, para a eliminação de grandes lideranças da América do Sul, lideranças estas consideradas inconvenientes para os Estados autocráticos, muito embora, neste contexto, líderes de menor expressão não deixaram de ser perseguidos, capturados e executados, conforme se percebe no material pesquisado.

Cabe, por pertinente, a colocação de uma questão crucial, que norteou a proposta originária deste trabalho: como os países do Cone Sul cooperavam ou coordenavam a Operação Condor?

Tendo em vista que as leituras desenvolvidas, ainda na elaboração do projeto desta pesquisa, tendem a direcionar para algumas evidências, algumas sinalizações foram analisadas ao longo da pesquisa e isto sugeriu duas hipóteses com relação aos sujeitos da Operação Condor, ou seja, quem, em última instância, estaria com o poder nesta Operação, o que sugeriu as seguintes premissas: esta operação fora coordenada pelos Estados Unidos da América, tendo sua Agência Central de Inteligência (CIA) como órgão catalisador da referida operação? Ou a Operação Condor fora coordenada pelas próprias Forças Armadas dos países envolvidos no combate aos grupos chamados subversivos, objetivando a eliminação de lideranças exiladas?

O trabalho elaborado é importante e se justifica pelo fato de analisar, ainda que de forma sintetizada, um período bastante delicado, uma vez que abrange um período considerado obscuro na história dos países latino-americanos e, somente em tempos mais recentes as pesquisas começam a descortinar fatos que, durante o regime militar eram

considerados “segredos de Estado”. Os países que foram palcos destes sistemas políticos sentem as consequências e efeitos, tanto por parte de pessoas envolvidas ou não em movimentos de esquerda, quanto de instituições públicas que foram fortemente influenciadas pelas Doutrinas de Segurança Nacional disseminadas na época e ainda possuem resquícios de um treinamento já obsoleto e que violam os direitos humanos.

A pesquisa, de certa forma, além de chamar a atenção sobre o tema, contribuiu para uma tentativa de esclarecimento, visando melhorar a compreensão sobre este período histórico, sobre o qual ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. Com tal estudo pretende-se ampliar o conhecimento sobre a história da Guerra Fria na América Latina, sobre os regimes militares constituídos no Cone Sul e, mais especificamente, sobre um dos episódios mais questionáveis, cujos atores foram os próprios governos legalmente constituídos: a criação da Operação Condor.

Tendo em vista a escassez de informações e a relutância na abertura de documentos relevantes para o esclarecimento dos fatos ocorridos na América Latina, este trabalho, além de reforçar a discussão sobre práticas executadas no período escolhido para estudo, oportunizou uma reflexão sobre as conquistas cidadãs que ocorreram depois e que, não só fortaleceram o ambiente de liberdade individual nos países envolvidos, mas, ainda, testemunharam o mesmo no espaço “além das fronteiras”. Trata-se aqui de um texto originado de uma proposta classificada como qualitativa, sugerindo um diálogo profícuo com os referenciais teóricos, em especial os autores dos textos os quais foram confrontados, o que facilitou o surgimento de algumas evidências com relação a este período da história americana.

Por pertinente, cabe salientar que, ao longo da pesquisa desenvolvida, teve-se o cuidado de não esquecer o objetivo principal, ou seja, analisar como os países do Cone Sul cooperavam entre si na prática da Operação Condor durante seus regimes militares, mas, precisamente entre as décadas de 1970 e 1980.

Objetivou-se, ainda, auscultar sobre a possível presença do governo norte-americano na coordenação das operações destinadas à eliminação de lideranças políticas comunistas ou contrárias aos governos do Cone Sul; esclarecer a participação das Forças Armadas latino-americanas na coordenação desta Operação e, ainda; verificar, entre as especificidades operacionais, se algum dos países envolvidos na Operação Condor teve mais efetividade no propósito de eliminação das lideranças procuradas.

Com relação ao método utilizado para este estudo, o trabalho científico tem especificidades que muitas vezes torna complexa qualquer tentativa de explicação. Entende-se como trabalho científico aquele que se enquadra como dentro do conhecimento sistematizado.

As respostas que se tentou buscar foram respostas provisórias, pois, admite-se que logo em seguida novas pesquisas irão se desenvolver sobre o tema proposto e, mesmo com provocações para novas abordagens, este trabalho já estará, possivelmente, superado à medida que tais abordagens irão se suceder. Segundo Marconi e Lakatos, o conhecimento científico “constitui-se em conhecimento falível, em virtude de não ser definitivo, absoluto ou final e, por este motivo, é *aproximadamente exato*: novas proposições e o desenvolvimento de técnicas podem reformular o acervo de teoria existente” (MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 80).

A pesquisa utilizada na execução deste trabalho, conforme já foi informada, foi qualitativa, com a utilização de fontes secundárias, tais como, os livros e artigos que discorrem sobre a Guerra Fria na América Latina, os regimes militares dos países do Cone Sul e a integração entre os países sul-americanos contra o sistema comunista.

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (DIEHL; TATIM, 2004, p. 52).

Não é intenção considerar a pesquisa que possibilitou este trabalho como qualitativa simplesmente pelo fato de não se tratar de uma proposta que buscou dados numéricos, porém, pelo fato de analisar textos escritos tentando captar suas essências, fugindo sempre de questionamentos fechados, ou seja, buscando a abertura das questões que surgiram ao longo das leituras. Segundo Demo (2013, p. 159), “a pesquisa qualitativa busca o aprofundamento por familiaridade, convivência, comunicação”.

Nesta afirmação, o autor aqui considerado aparenta descrever um método de tendência mais participativa, localmente falando, mas, um pouco antes se refere à metodologia qualitativa como aquela em que um universo de propostas pode conter, por exemplo, a hermenêutica (DEMO, id., p. 151), que é o caso da pesquisa aqui concluída, uma vez que se pretendeu analisar textos já publicados.

Não deixou de ser, em parte, uma pesquisa historiográfica e a análise dos textos sugeridos, a fim de elaboração de uma espécie de resumo, sugere um novo olhar, ou seja, uma nova leitura, com a finalidade de abrir novas discussões que contribuam para fortalecer cada vez mais o sistema democrático. Pensou-se, ao projetar este estudo, numa forma de contribuir com o fortalecimento da cidadania, afinal, é possível que esteja aqui uma das possíveis razões para se discutir temas desta natureza. Segundo Cardoso (1992, p. 82), “o critério da relevância

tem dois aspectos: o da relevância social e o da relevância científica”. Ressalta o autor que “a escolha e temas de pesquisa histórica deve estar atenta às prioridades sociais do momento que se vive” (Idem, p. 83). Ainda segundo Cardoso, “por outro lado, existe também a relevância científica: a ciência histórica, como as demais, evolui, e em cada etapa redefine os objetos, conceitos, prioridades e possibilidades” (Idem, *ibidem*).

É interessante ressaltar que, ainda que este trabalho acadêmico possa aparentar ter certo grau de sintetização, trata-se de uma chamada “ponta de lança”, ou seja, um trabalho inicial, que almeja chamar a atenção para outros trabalhos que possam ser elaborados, com novas abordagens e especificidades. Portanto, tentou-se aqui lançar um tema para que outros acadêmicos verticalizem-no mais em trabalhos futuros.

Além dos livros e artigos considerados, documentos oficiais (obtidos na internet) de países que integram o Cone Sul foram essenciais para a o enriquecimento deste trabalho, o que contribuiu para um embasamento maior, atentando às leituras que tiveram de ser feitas, cujos autores, se dispensam aqui comentar por estarem embasando os argumentos ao longo deste trabalho.

Na primeira parte deste estudo, aborda-se a Guerra Fria em um contexto geral. O surgimento de dois blocos antagônicos em um confronto, não armado diretamente, para conquista a hegemonia global. A utilização de subterfúgios para alcançar suas metas e fortificar seus modelos de sistemas frente seus aliados e, (porque não dizer?) frente a seus inimigos. Abordaremos durante esse capítulo a maneira como os Estados Unidos através da Doutrina Truman influenciou a América Latina e a Europa Ocidental, como fortes aliados na defesa de seus reais interesses ideológicos e econômicos.

No segundo capítulo explana-se sobre como a ideologia da Doutrina de Segurança Nacional influenciou o comportamento das Forças Armadas latino-americanas, assim como os regimes militares impostos na América Latina, especificamente nos países membros do Cone Sul. Discorreremos sobre a criação de Escolas militares por toda a extensão da América Latina, as quais utilizaram manuais e textos em aulas, cursos e programas militares especializados no treinamento de militares com forte influência da Doutrina de Segurança Nacional.

Por último, o terceiro capítulo focaliza a essência deste trabalho que é a Operação Condor e como os países membro do Cone Sul cooperavam e coordenavam essa operação dentro de seus territórios e fora deles. A pesquisa desenvolvida, através do material consultado, descortinou a participação e o conhecimento dos Estados Unidos sobre as práticas

utilizadas pelos regimes militares no Cone Sul com a intenção de perseguir e eliminar figuras consideradas inimigas de Estado, ou simplesmente subversivas ao sistema vigente da época.

Interessa, inicialmente, tecer considerações sobre o fenômeno da Guerra Fria, o que se faz nas páginas que se seguem.

## 2. GUERRA FRIA EM ÂMBITO MUNDIAL

### 2.1. Estados Unidos versus União Soviética

Como assinalado na introdução deste trabalho, a Guerra Fria foi um conflito político-ideológico entre os Estados Unidos (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), teve seu início no fim da Segunda Guerra Mundial findando com a extinção da União Soviética. Uma guerra caracterizada por ameaças nucleares, porém, nunca houve confronto direto durante os 43 anos de Guerra Fria, reforçando o conceito utilizado por Eric Hobsbawm de “paz fria”. (HOBSBAWN, 1995)

É denominada “Fria” devido ao fato de não ter havido combate direto entre ambas as forças, porém a ameaça de uma Terceira Guerra Mundial assombrou o mundo, pairando medo e sobressalto em todos os envolvidos. No ocidente, caso um país aderisse ao regime socialista, os Estados Unidos prontamente o via como uma ameaça ao seu modelo de sistema, logo esse país tendia a receber represálias da superpotência americana, e a URSS sairia na defesa do novo (ou possível) país socialista, através de auxílio financeiro ou militar.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a corrida para assegurar o *status quo*<sup>5</sup> dominante no globo, acirrou a disputa entre as duas superpotências, Estados Unidos X União Soviética, um dos períodos mais tensos na história global, nominado por Rene Rémond como mundo bipolar, por caracterizar um mundo dividido por dois blocos distintos, com ideologia, economia e políticas singulares, onde o restante do globo era impulsionado a apoiar uma das partes e defender seus interesses. (RÉMOND, 1987).

Esse capítulo descreve, de forma sintetizada, um período de quase cinco décadas, mais especificamente 43 anos, onde as relações internacionais tiveram mudanças drásticas, sentidas até hoje com consequências, aparentemente, irreparáveis, chamando a atenção, desta forma, para que cada vez mais estudos possam ser desenvolvidos sobre esse período tão controverso entre os historiadores, analistas de relações internacionais, cientistas políticos, entre outros.

---

<sup>5</sup> *Statu quo* é uma expressão latina, que deriva da expressão “*in statu quo rest erante ante bellum*”, que do latim significa “no estado que as coisas estavam antes da guerra”. Usado geralmente como uma expressão de manutenção ou mudança do estado atual da situação.

O contexto de Guerra Fria apresentado após a Segunda Guerra Mundial ilustrado pelo encontro entre Estados Unidos/Inglaterra e União Soviética, suas divergências na maneira como o mundo deveria se reestabelecer pós-guerra marcaram meio século de guerras, movimentos revolucionários, assim como modificaram o curso de nações inteiras em nome dos interesses dos blocos dominantes.

A União Soviética, defensora do sistema socialista, apoiou e influenciou a expansão do regime socialista iniciada em 1947, muitas vezes através de apoio a revoluções ou até ações diretas, como pode ser visto na China em 1949, apenas dois anos após sua investida na Europa Oriental.

A influência socialista era significativa, ultrapassando fronteiras e continentes, atingindo a América Central, com a Revolução Cubana<sup>6</sup> em 1959, a Ásia com a Guerra das Coreias, durante 1950 e 1953 e a Guerra no Vietnã de 1960 até 1970, mostrando a força socialista que o regime de Stalin<sup>7</sup> exercia sobre países periféricos, até então considerados fracos e sem influência política.

A África também foi influenciada pelo Regime Socialista, no período de 1970 e 1980, durante o processo de descolonização e ainda havia Colônias sofrendo abusos. Como uma maneira de agilizar sua independência e de romper de forma radical com suas ex-metrópoles, estabeleceram o regime socialista em seus países como, por exemplo, Moçambique e Angola.

Pode-se considerar o ápice da Guerra Fria, quando o então Primeiro Ministro britânico Winston Churchill proferiu seu discurso contra o socialismo, em que convocava os estadunidenses e seus aliados para combater essa ameaça. Declarando a Europa Ocidental como um mundo livre, o chanceler britânico Churchill solicitou a ajuda do Presidente Harry Truman para combater a expansão socialista dentro da Europa, denominando-a de países da Cortina de Ferro, pois formavam uma espécie de fronteira entre o capitalismo e o socialismo dentro da Europa. “Provavelmente, o período mais explosivo foi aquele entre a enunciação formal da Doutrina Truman, em março de 1947 (‘Creio que a política dos Estados Unidos deve ser a de apoiar os povos livre que resistem as tentativas de subjugação por minorias armadas ou por pressões de fora’). (HOBSBAWM, 1995. p. 226)

---

<sup>6</sup> A Revolução Cubana foi um movimento popular para a derrubada de poder do presidente Fulgêncio Batista, em janeiro de 1959. Durante essa transição revolucionária, foi implantado o sistema socialista em cuba, liderado por Fidel Castro.

<sup>7</sup> Josef Stalin (1878 – 1953), presidente e ditador russo entre 1922 até sua morte em 1953. Tornou-se o grande líder na União Soviética. Sob a liderança de Stalin, a União Soviética teve grande influencia da derrota nazista na Segunda Guerra Mundial, atingindo assim a posição internacional de superpotência.

Desta forma os Estados Unidos começaram a injetar ajuda financeira e militar dentro da Europa, principalmente na Grécia e na Turquia, medida esta no sentido de frear a expansão socialista dentro da Europa e para afirmar seu domínio capitalista sobre o território.

Aparentemente existem algumas controvérsias entre analistas e historiadores sobre a Guerra Fria, porém, duas antagônicas se sobressaem diante das demais. A primeira, defendida por pensadores europeus, seria a de que a URSS após o fim da Segunda Guerra Mundial, não possuía o desejo de expandir o Regime Socialista para todo o mundo, como podemos ver através de Deutscher, onde este defende o argumento que, os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra como vencedores e fortalecidos enquanto a União Soviética saía derrotada, sendo assim não possuía estrutura para estabelecer uma nova guerra física.

A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências colônias. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética. (HOBSBAWM, 1995, p. 224).

Já a segunda visão, criada pelos protagonistas estadunidenses para justificar suas ações contra a expansão do regime socialista e os países nos quais a União Soviética ainda não possuía influência, seria que o socialismo caracterizaria uma limitação da liberdade democrática e deveria ser detido para o bem de todos.

Comblin (1978, p. 39) destacou que “a Guerra Fria é uma guerra permanente: trata-se em todos os planos – militar, político, econômico e psicológico -, porém evita o confronto armado. A Segurança Nacional é exatamente uma resposta a esse tipo de guerra”. O Autor também frisa como justificativa para a Guerra Fria que, os protagonistas da Doutrina Truman<sup>8</sup> alegavam que “o comunismo russo é uma repetição do nazismo. O comunismo é conquistador e expansionista, assim como o nazismo. A política soviética é uma política de guerra: visa à conquista do mundo” (Idem, ibidem).

A característica principal da Guerra Fria era a bipolaridade, a competição entre os dois blocos defendendo sua superioridade militar, tecnológica e econômica, até o final da década de 1980. Além destes já mencionados, o avanço tecnológico de armas nucleares era mal visto pelos olhos do mundo, devido ao alto grau de destruição que tais armas poderiam provocar,

---

<sup>8</sup> Alguns dos protagonistas mais conhecidos da Doutrina Truman são: G. Kenan, H. Morgenthau, R. Strausz-Hupé, W. Lippman.

conforme pode ser vivenciado no final da Segunda Guerra Mundial em Hiroshima e Nagazaki<sup>9</sup>.

O bloco socialista liderado pela União Soviética criou organizações militares e econômicas que serviram como entraves às forças capitalistas, como o Pacto de Varsóvia. Uma aliança de ajuda mútua militar e econômica entre os países do Leste Europeu e a União Soviética. O Pacto de Varsóvia foi criado a contraponto da OTAN (Organização do Tratado de Atlântico Norte) constituído pelos países da Europa Ocidental e os Estados Unidos, com o intuito de defesa dos países membros contra ataques comunistas do leste europeu.

É neste contexto que as duas superpotências, capitalista e socialista, almejavam o controle e domínio territorial, participando indiretamente de guerras e disputas regionais que marcaram a história mundial neste período. A Guerra das Coreias em 1950 é um exemplo, que encontra-se ainda até hoje dividida em duas, Coreia do Norte com um sistema socialista vigente e a Coreia do Sul com o sistema capitalista. Por ter sido o primeiro conflito armado da Guerra Fria, causou grande impacto e apreensão mundial devido ao grande envolvimento de ambas superpotências e o alto risco de guerra nuclear. (BRAGA, 2014)

A Guerra do Vietnã também foi um marco dentro das disputas territoriais entre os dois blocos. Esta guerra se desenvolveu entre o Vietnã do Norte, com orientação socialista pró-União Soviética, Vietnã do Sul com forte apoio dos Estados Unidos, Laos e Camboja. O apoio das superpotências era indireto, até os Estados Unidos intervir diretamente enviando tropas e armamento pesado para o confronto. Apesar do alto desenvolvimento tecnológico bélico dos Estados Unidos, não foi suficiente para derrotar o grande conhecimento que os vietcongues tinham sobre a região e em táticas militares, transformando essa guerra em grandes baixas e estragos econômicos para ambos os lados. Sem apoio popular estadunidense, o governo aceita o Acordo de Paris, para cessar-fogo e retira as forças armadas do Vietnã em 1973. “Esta retirada, segundo alguns críticos, tratou-se de uma fuga, haja vista produções em vídeo sobre tal acontecimento, o que passa a ideia que o poderio norte-americano fora derrotado pelos guerrilheiros do Vietnam” (conforme colóquio com Burgardt).<sup>10</sup>

Ao mesmo tempo, uma onda reacionária se espalha pelo mundo. Tendo uma direita liderando em vários governos decisivos, como na Inglaterra com a vitória da Primeira ministra

---

<sup>9</sup> Estados Unidos lançou duas bombas atômicas nas cidade de Hiroshima e Nagazaki, com o intuito de aterrorizar o império japonês, em agosto de 1946, estágios finais da Segunda Guerra Mundial.

<sup>10</sup> Conforme depoimento oral do professor Victor Hugo Veppo Burgardt, sobre o tema, coletado em 04 out. 2016, para subsidiar este trabalho.

Margareth Thatcher (1973-1980). Assim uma nova diretriz política econômica iniciou, onde além do combate ao comunismo, qualquer proposta de justiça social era vista com maus olhos e uma porta de entrada para o socialismo.

Os países periféricos atuaram como um campo de batalhas para os dois blocos, territórios com enormes discrepâncias sociais, econômicas e políticas, tornaram-se um ambiente bastante favorável a revoluções e revoltas populares. Os Estados Unidos tomou uma atitude mais agressiva em relação ao seu território de domínio, tendo um olhar mais severo principalmente para a América Latina. Utilizando meios não só armamentistas, mas, também, como propagandas midiáticas que propagavam o sistema capitalista como o ideal para todos.

Com a instabilidade do Terceiro Mundo<sup>11</sup> fizeram com que medidas imediatas fossem tomadas pelos Estados Unidos, que ao seu entendimento acreditava que o não posicionamento destes era provocado exclusivamente pela União Soviética. Desta forma os EUA investia cada vez mais na modernização de forças armadas locais como uma maneira de manter acesso ao controle da região e reforçar suas tropas do combate ao comunismo.

Um período marcado por ameaças, único na história mundial, onde supostas ameaças, suspeitas e provocações eram mais perigosas que atos declarados de guerra. O medo que envolvia a população era tão intenso que, em muitos casos, sugeria mitos e rumores apocalípticos. Transformando a Guerra Fria em um confronto com aparente esquizofrenia (para citar uma expressão da psicanálise), onde a marca era o medo e a apreensão, havia o receio do “botão vermelho”, que iniciaria uma sequência de ataques nucleares contra atacando a União Soviética, caso esta atacasse os Estados Unidos ou seus aliados.

Nas palavras de Eric Hobsbawm (1995), a Guerra Fria era fruto dos Estados Unidos, a insegurança e o medo do “fim dos tempos”, gerava votos e apoio a presidentes que apoiavam a campanha anticomunista. Diferentemente da União Soviética que não necessitava usar tais artifícios para promover seu sistema, já que a revolução operária apenas lutava por igualdades sociais. Entre as nações democráticas, só nos EUA os presidentes eram eleitos (com John F. Kennedy em 1960) para combater o comunismo [...]. Se alguém introduziu o caráter de cruzada na *Realpolitik* de confronto internacional de potências, e o manteve lá, esse foi Washington. (HOBSBAWM, 1995, p. 234)

---

<sup>11</sup> Terceiro Mundo é um termo da Teoria dos Mundos, originado na Guerra Fria, para descrever os países que se posicionaram como neutros na Guerra Fria, não se aliando nem aos Estados Unidos e os países que defendiam o capitalismo, e nem à União Soviética e os países que defendiam o socialismo.

A crise dos mísseis pode ser considerada um dos momentos mais críticos na Guerra Fria, quando em 1961 os Estados Unidos instala na Turquia uma base nuclear, provocando desagrado aos soviéticos, devido à localização privilegiada e o alto nível de destruição que poderia causar ao território socialista. Sendo assim, em 1962 os EUA divulgaram fotos de uma região preparada para receber a instalação de mísseis nucleares soviéticos. Região esta que ficava em Cuba, mais precisamente na Baía dos Porcos. Tal declaração americana provocou alvoroço e apreensão na população, onde os EUA ameaçou um ataque nuclear imediato, o que fez a União Soviética recuar e retirar os mísseis de Cuba, mantendo uma certa paz e quietude no mundo. O líder soviético Nikita S. Krushev decidiu colocar mísseis soviéticos em Cuba, para contrabalançar os mísseis americanos, já instalados do outro lado da fronteira soviética com a Turquia (BURLATSKAY apud HOBBSAWN, 1995).

Registre-se, ainda, que

Os EUA o obrigaram a retirar os com a ameaça de guerra, mas também retiraram os mísseis da Turquia. Os mísseis soviéticos, como o presidente Kennedy foi informado na época, não faziam diferença para o equilíbrio estratégico, embora fizessem considerável diferença nas relações públicas presidenciais (BALL e WALKER, apud HOBBSAWN, 1995).

Esta crise foi, ao que parece, um momento de grande tensão, não só pelas consequências de uma guerra nuclear, mas, pelo fato de estar ocorrendo no “quintal norte americano”, ou seja, o perigo estava muito próximo. Tal acontecimento ainda gera muitas pesquisas que sugerem sempre novas abordagens.

## 2.2. O lado econômico da Guerra Fria

Ainda que não seja o objetivo deste trabalho discutir especificamente estas informações, devemos também ressaltar brevemente nesse capítulo o conflito econômico onde os blocos atuavam e esclareceremos como cada um dos blocos defendia seus regimes econômicos fielmente. O capitalismo, liderado pelos Estados Unidos, defende a propriedade e os meios de produção privados, tendo o lucro como principal incentivador, no qual o mercado é livre para influenciar a oferta e demanda e, como tal, salário e distribuição de renda estão a cargo de iniciativas privadas.

O comunismo, liderado pela União Soviética, como antítese deste modelo, contraria todas as diretrizes do capitalismo. Uma ideologia baseada na igualdade social, o comunismo

seria a última etapa de uma sociedade sem classes sociais. Parte-se, portanto, do pressuposto que o socialismo seria a primeira etapa para resolver as desigualdades socioeconômicas da população e o comunismo o fim do sistema capitalista e o fim da classe burguesa. O Socialismo prega a propriedade e meios de produção públicos, no qual o governo atua firmemente no mercado influenciando a oferta e demanda, salários e distribuições de renda. Mantendo uma distribuição de renda equilibrada e eliminando as diferenças econômicas individuais, ainda que, conforme Burgardt, “isto não tenha ocorrido em sua plenitude, sequer em um dos países em que tal sistema foi testado”<sup>12</sup>. (CARDOSO, 1992)

Fica clara a superioridade econômica dos Estados Unidos que além de possuir mais território de influência, possuía um terço na riqueza mundial através de material bélico, indústrias, reservas auríferas, de petróleo e tropas espalhadas estrategicamente, do Japão aos países europeus. A União soviética, por sua vez, tinha domínio do leste europeu, (era costume se referir à Europa como ocidental ou oriental), assim como grande parte do norte asiático, possuindo territórios, na maioria das vezes, agrícolas, sem uma economia voltada para fins lucrativos uma vez que a ideia principal era equalizar as diferenças sociais de base.

A Alemanha, como um país derrotado na Segunda Guerra Mundial, foi dividida entre as partes vencedoras em dois através de um muro de aproximadamente 43 km<sup>13</sup> apenas na região metropolitana de Berlim, fortemente guardado por bases de vigilância e observação, cercas elétricas e cães de guarda. A Alemanha Ocidental, apoiada pelo Plano Marshall, desenvolveu-se em tecnologia e indústria, dentro de um avanço na saúde, educação e transportes, enquanto a Alemanha Oriental, com as diretrizes socialistas, possuía uma economia muito deficitária, causando desconforto à população oriental, que desejava atravessar o muro atrás de melhores condições de vida, demonstrando assim certas fragilidades do socialismo. Tais observações consubstanciam as grandes divergências existentes socioeconômicas e políticas dentro de um território com dois regimes.

A última década da Guerra Fria sofreu transformações significativas para ambos os blocos, como crises burocráticas estatais, crise econômica mundial e crises sociais. Assim, as

---

<sup>12</sup> Conforme depoimento oral do professor Victor Hugo Veppo Burgardt, sobre o tema, coletado em 04 out. 2016, para subsidiar este trabalho.

<sup>13</sup> O Muro de Berlim, propriamente dito, tinha mais de 100 quilômetros e até 4,20m de altura em alguns trechos. Uma segunda fortificação foi construída posteriormente. Ao seu redor foi demarcada uma faixa de segurança, também conhecida como faixa da morte, que chegava a ter cem metros de largura. Ali se encontravam cerca de 300 torres de vigilância, 20 bunkers (instalações antiaéreas subterrâneas), 260 canis e inúmeros postes com holofotes. Os soldados receberam ordem de atirar e impedir qualquer fuga "usando todos os recursos disponíveis". (<http://www.dw.com/pt-br/n%C3%BAmeros-e-fatos-do-muro-de-berlim/a-672091>, acessado em: 27/10/2016)

duas superpotências buscaram meios de definir quem iria por fim, ter o domínio da hegemonia mundial. Desta forma, ambos os blocos, socialista e capitalista, utilizaram meios para reafirmaram seus pontos de apoio com o propósito de fortificar e exaltar seus aliados, buscando mostrar como seu regime era o ideal para o mundo. (SOUZA, 2011)

A vitória dos Estados Unidos na chamada Guerra do Golfo<sup>14</sup> e a notável superioridade bélica com a qual se apresentou, mostrou-se como início do fim da Guerra Fria. Os Estados Unidos, nesta oportunidade mostraram uma impressionante desenvoltura armamentista, graças à alta tecnologia bélica, diferentemente do que aconteceu na Guerra do Vietnã, não dando a possibilidade de vitória a seus inimigos.

Assim como a instabilidade da política soviética, como o acordo de paz e coexistência assinado com os Estados Unidos em 1960, a atitude soviética frente seus aliados também facilitou o enfraquecimento do bloco, com sua proposta de certa individualidade para cada aliado procurar o Estado de bem – estar, enquanto os Estados Unidos possuía uma postura rígida com seus aliados através de doutrinas e planos econômicos.

A Guerra Fria se encaminhava para o Fim com uma rapidez impressionante, tendências neoliberais mostravam sua força frente à economia internacional, apontando os Estados Unidos como uma liderança significativa no vetor economia, tendo todas as ferramentas para atuar nesse novo contexto econômico. Enquanto isto, a União Soviética, assim como seus aliados, sofria baixas gigantescas na sua economia, devido aos altos investimentos em seus aliados para manter o regime socialista, além de imensas remessas de tributos para financiar confrontos, rebeliões e guerras. (HOBSBAWN, 1995).

A crise econômica nos países socialistas é possível que tenha sido o ponto catalisador para o fim da Guerra Fria. Salários baixos, falta de concorrência e falta de produtos para impulsionar a economia, levaram o regime à falência, assim como a falta de democracia existente dentro do regime auxiliou para o fim do bloco. A queda do muro de Berlim em 1989, marcou o fim do regime socialista na Europa, e aos poucos, a União Soviética aplicou medidas para abertura econômica e democrática. Sem a pressão soviética outras repúblicas foram aderindo aos poucos ao sistema capitalista e aderindo as novas diretrizes econômicas.

---

<sup>14</sup> A Guerra do Golfo foi um conflito armado iniciado em agosto de 1990 no qual tropas iraquianas invadiram o Kuwait. O presidente Saddam Hussien alegou que o Kuwait praticava uma política de superestação de petróleo, prejudicando o comércio do Iraque, pedindo assim uma indenização pelos danos sofridos. Após a recusa do pagamento da indenização da parte do Kuwait, o Iraque invade o Kuwait. Com a Guerra o fornecimento de petróleo é paralisado. Os EUA intervém em favor do Kuwait e iniciou uma sequência de ataques aéreos em 17 de janeiro de 1991, que quase deixou o Iraque totalmente destruído, causando milhões de mortes.

Após ter discorrido sobre a Guerra Fria, para situar o leitor no contexto mundial, visando entender o contexto mais específico das chamadas ditaduras militares latino-americanas, é interessante que se discorra sobre o que foi feito neste cenário para manter o hemisfério sob o controle do sistema capitalista mundial. É possível que, desta forma, se possa entender melhor a chamada Doutrina de Segurança Nacional, conforme se verá a seguir.

### 3. AMÉRICA LATINA E SEGURANÇA NACIONAL

Neste capítulo aborda-se a influência da Guerra Fria nos países latino-americanos. Optou-se por focar apenas a área compreendida pelo Cone Sul, pelo fato de a América Latina ser um plano de observação muito extenso e de se ter um tempo reduzido para a execução do Trabalho de Conclusão de Curso, mas, a intenção é desenvolver o tema de forma bastante objetiva, seguindo o propósito de não verticalizar muito, uma vez que, ainda que o Cone Sul seja um recorte geográfico reduzido, seria muito difícil fazer um estudo aprofundado em tão pouco tempo, o que justifica nas generalizações as indicações de caminhos a seguir na análise mais profunda sobre este fenômeno histórico que tanta influência teve nas relações internacionais do ocidente.

O período da Guerra Fria, como já mencionado, foi caracterizado pela rivalidade entre as duas superpotências que emergiram após a Segunda Guerra Mundial, Estados Unidos e União Soviética, conflito este que, por meio de uma divisão ideológica entre capitalismo e comunismo, dividiu o sistema internacional em dois blocos. Duas distintas zonas de influência que eram usadas como manutenção do *status quo* e para o equilíbrio de poder mundial. Para manutenção desta prática, a exemplo do bloco oposto, doutrinas estadunidenses foram difundidas por todo o globo, tanto para fortificar seus aliados como para expandir seu território de influência, como a Doutrina Truman e o Plano Marshall<sup>15</sup>.

Com tal bipolarização, a América Latina passou a ter uma intervenção direta dos Estados Unidos, através de meios políticos, econômicos e sociais. Caso os EUA detectassem qualquer tipo de ameaça dentro desses países, ações diretas ou encobertas eram executadas imediatamente. Como os EUA assumiram o papel internacional de responsável pela segurança do sistema capitalista, frisando o objetivo de preservar os interesses econômicos e geopolíticos dos EUA, conter a URSS e qualquer governo considerado totalitário, justificava suas intervenções em prol da defesa e auxílio a seus aliados, enfatizado no discurso anticomunista proferido por Truman em 1947.

---

<sup>15</sup> O Plano Marshall é um aprofundamento da Doutrina Truman, conhecido oficialmente como Programa de Recuperação Europeia, foi o principal plano dos Estados Unidos para a reconstrução dos países aliados da Europa nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial.

A política externa desenvolvida durante o governo Truman tinha o objetivo de impedir o avanço e expansão do comunismo. A doutrina Truman foi fundamental para manter o controle sobre a América Latina e outros territórios de sua influência, através dela, os Estados Unidos justificavam a intervenção em qualquer guerra e conflito a fim de obedecer a Doutrina Truman e defender seus aliados contra a expansão comunista. Considerada por muitos autores o primeiro pilar da Guerra Fria, deu origem a outras doutrinas mais centralizadas para cada Estado. (PÁDROS, 2005)

### 3.1. Doutrina de Segurança Nacional

A Doutrina Truman, propagada no Congresso estadunidense em 1947, baseava-se na Lei de Segurança Nacional (National Security Act) e originou a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) que foi disseminada pelos Estados Unidos e aceita pela maioria dos países latino-americanos. Esta doutrina, fundamentada em princípios e ações, tinha o intuito de organizar o setor militar e conter gastos, porém, transformou-se na base para todas as agências de inteligência, setor militar e política externa dos Estados Unidos (COMBLIN, 1978). Desta forma iniciou-se a contenção comunista e a repressão contra os movimentos de esquerda.

A doutrina estadunidense (Doutrina Truman) foi aplicada através de vários acordos econômicos e tecnológicos, auxiliando a propensão a aliança ao capitalismo e fortalecendo o rompimento dos países capitalista com os socialistas. As diretrizes pautadas eram por meio de intervenções econômicas e militares, mantendo desta forma a unidade e a estrutura de ação da política externa estadunidense configurada pelo novo quadro internacional. É neste ponto que se chama a atenção para o papel das elites nacionais e se sugere uma investigação mais apurada sobre os níveis de subserviência de tais elites aos interesses norte-americanos, especialmente sobre os grupos empresariais que possam ter tido envolvimento direto com o chamado bloco ocidental.

Várias bases militares, por todo o continente americano, em países com forte influência estadunidense, foram criadas como justificativa de defender a democracia contra o avanço do comunismo. Algumas já existiam em tempos anteriores à Guerra Fria, por exemplo, a Parnamiriam Field (1942), localizada no Rio grande do Norte (Brasil). Esta era a maior base da Força Aérea estadunidense em território estrangeiro naquela época e foi introduzida e adaptada para novas funções. Porém, as novas instalações criadas, já vinham

adaptadas para seus objetivos e fins, como o treinamento de soldados estadunidenses, latinos e de uma variação de nacionalidades, com o intuito de combater o comunismo e suas vertentes, praticando táticas militares e cursos de aperfeiçoamento de agentes do serviço de inteligência. Muitos instrumentos foram utilizados para a execução desses objetivos. Entre tais instrumentos, destacam-se as políticas repressivas emanadas da Doutrina de Segurança Nacional, praticadas em toda a América Latina.

Para que a doutrina Truman tivesse uma aplicabilidade eficiente, era necessária a criação de escolas militares, para aperfeiçoar táticas de guerra e doutrinar militares contra o chamado “inimigo interno”, o comunismo. Assim foi criada a *School of América* (SOA), Escola das Américas, uma escola de treinamento principalmente para latino-americanos. Por meio desta escola, a Doutrina de Segurança Nacional foi difundida e adaptada para cada Estado que tinha a influência capitalista influenciada pelos Estados Unidos, respeitando cada particularidade, estrutura e coerência dos Estados, ultrapassando assim a expectativa estadunidense. (COMBLIN,1978)

A DSN contribuiu para um pensamento militar sul-americano voltado ao contexto da Guerra Fria e, para materializar os objetivos foram fundadas escolas militares, nos moldes de *National War College*. A sombra do comunismo era temida, desta maneira, o Brasil, criou a Escola Superior de Guerra (ESG) em 1949, assim como o Chile em 1974, fundou a *Academia de Seguridad Nacional*. Ambas as escolas, possuíam forte influência nos ensinamentos contrarrevolucionários, partindo do entendimento que a DSN fosse compreendida e defendida pelos militares e funcionários do governo. (COMBLIN, 1978)

Conforme Padrós, a DSN não foi a única matriz a influenciar as ditaduras civil-militares de Segurança Nacional disseminadas no Cone Sul durante as décadas de 1960 à 1980, mas a que causou mais impacto e que auxiliou e colaborou muito nas correntes conservadoras de direita que se seguiu. Dentre as várias diretrizes que ajudaram a formular a DSN, a influência francesa, teorizada pela repressão colonial sofrida pela independência da Indochina e da Argélia tem papel destacado através da guerra psicológica<sup>16</sup>, assimilada como

---

<sup>16</sup> A guerra psicológica consiste essencialmente no manejo da palavra falada e escrita com o propósito de abalar o moral do inimigo e abreviar as operações bélicas. Levada a cabo com destreza poderá poupar muitas vidas. Caso contrário, repercutirá negativamente sobre o adversário, irritando-o e robustecendo a sua capacidade de resistência. Em tempo de paz, o emprego criterioso de métodos e conceitos de guerra psicológica é de suma importância para impedir a eclosão de um conflito armado. Usados com fins escusos ou sem a devida cautela agravarão sobremaneira as latentes tensões internacionais, pondo em risco a coexistência pacífica entre os povos. (BRANT, 1967, p. 03).

uma poderosa tática na guerra contrarrevolucionária, contento uma manipulação em massa na sociedade civil, usufruindo da tortura como uma prática necessária para a aplicação da Doutrina Francesa, gerando medo e apreensão na população.

Outra influência fortemente destacada é a Espanha franquista. José Antônio Primo de Rivera, um dos maiores ideólogos da Falange Espanhola<sup>17</sup> defendia o distanciamento das forças militares na disputa partidária nacional, porém caso houvesse o risco de um colapso interno sobre as diretrizes, os militares deveriam intervir para responder a qualquer questionamento sobre os fundamentos tradicionais. Uma vertente também chama a atenção dentro da DSN: o pensamento nazifascista, difundido pelos militares que participaram ou tiveram contato com missões militares na Alemanha e Itália antes da Segunda Guerra Mundial.

A Doutrina de Segurança Nacional parte da justificativa que existe uma guerra permanente entre “o mundo comunista” e o chamado “mundo livre”, este defendido pelos Estados Unidos.

Uma das principais premissas da Doutrina de Segurança Nacional é a rejeição da ideia da divisão da sociedade em classes, pois as tensões entre elas entram em conflito com a noção de unidade política, elemento basilar daquela. Segundo os princípios da DSN, o cidadão não se realiza enquanto indivíduo ou em função de uma identidade de classe. É a consciência de pertencimento a uma comunidade nacional coesa que potencializa o ser humano e viabiliza a satisfação das duas demandas. Nesse sentido, qualquer entendimento que aponte à existência de antagonismos sócias ou questionamentos que explicitem a dissimulação como nociva aos interesses da nação, e , portanto deve ser combatida como tal. (PADRÓS, 2005. p. 52)

A criação de órgãos de inteligência e informações<sup>18</sup> era necessária para a doutrinação de agentes em campo. Órgãos responsáveis por orientar, tiveram uma participação efetiva em operações de repressão e nas tentativas de golpes militares na América Latina durante o período na Guerra Fria. Foi um período marcado pelo grande fluxo de troca de informações

---

<sup>17</sup> A Falange Espanhola, fundada em 1933, é considerada um movimento e um partido inspirado no fascismo. Fundado por José Antonio Primo Rivera, teve como objetivo disseminar ideias na população através de 26 pontos evidenciando a unidade nacional, premeditando uma reação por parte da população em relação as medidas republicanas exercidas no país naquela época.

<sup>18</sup> Uma breve , mas necessária diferenciação dos termos “inteligência” e “informação”, para um melhor entendimento dos fatos. Inteligência – entendido como conflito informacional – não apenas segurança e muito menos só informação, representa a busca e análise de informações necessárias para a conquista a vitória entre duas vontades antagônicas. Ou seja, a ideia de conflito envolve o desejo do outro de você não saber, o que envolve um conjunto de análise que possa incluir acesso a fontes ostensivas (abertas). Só coletar uma informação útil não configura como inteligência. Logo isso acaba por demandar uma diferenciação entre os fluxos informacionais e os fluxos específicos da área de inteligência. (BRANDÃO, 2010, p. 19).

que, conseqüentemente, gerava ondas de acontecimentos em ambos os lados, tanto para os Estados Unidos quanto para a União Soviética.

### 3.2. Da doutrina à prática

A Escola das Américas é um instituto de Departamento de Defesa dos Estados Unidos, fundado em 1946. O nominado de “Centro de Adestramento Latinoamericano – Divisão da Terra” tinha como objetivo central auxiliar a cooperação entre a América Latina e prepara os países latinos americanos para manter o equilíbrio de poder político dos EUA, contento assim o expansionismo das organizações populares ou dos movimentos sociais de esquerda.

Contudo, este era um objetivo, aparentemente, os EUA defendia seus interesses de forma dissimulada. A escola situada inicialmente em Fort Amador, no Panamá, desempenhou um dos mais importantes papeis dentro da Doutrina de Segurança Nacional dos Estados Unidos, a unificação das Forças Armadas em um Estado-Maior de ação, subordinadas a Secretaria de Defesa, com sede em um edifício conhecido por Pentágono, órgão então responsável pela formação e estrutura da política militar estadunidense. (COMBLIN, 1978)

Desta forma, os Estados Unidos iniciaram uma jornada de presença ativa em cada canto do território americano. Com a instalação de escolas, bases militares e agências de inteligência espalhadas, o monitoramento sobre grupos com qualquer intenção de integrar ações de nacionalização de empresas privadas estrangeiras, ou tentativas de reformas sociais que interferissem ou proporcionassem uma perda de contratos econômicos, eram considerados provocações aos interesses dos EUA, viabilizando assim, uma atitude ofensiva operacional dos Serviços de Inteligência e das Forças Armadas, intensificando sua influência local na execução de ações em prol do Estado em assuntos internacionais. (WEESSON, 1978)

Percebe-se uma doutrina, aparentemente, bem estruturada com bases sólidas, ensinada em cursos por várias escolas militares, muitas com objetivos de aprofundá-la e aperfeiçoá-la, como a *National war College* e o *Induatrial College of the Armed Forces*, em Washington.

No Brasil a Escola Superior de Guerra foi criada sob sua influência, assim como a *Academia Superior de Seguridad Nacional* do Chile, a Escola Nacional de Guerra do Paraguai, a Escola Superior de Guerra da Colombia, a Escola de latos Estudos Militares da Bolivia, dentre outras. (LOPES, 2016. p. 190)

Estima-se que até 1964, mais de 16 mil soldados foram treinados nessas escolas. Os militares latino-americanos possuíam um propósito maior à interconexão dos serviços, desde a segunda reunião da CEA, onde se manifestou o desejo de um comitê permanente na Zona do Canal do Panamá, para trocar informações e dados entre os países da América do Sul, que haviam recebido o mesmo treinamento especializado possibilitado através de laços de amizade formados por meses de convívio que posteriormente teriam frutos nas ditaduras impostas no território do Cone Sul. (LOPES, 2016)

Através de manuais, textos utilizados em cursos, podemos perceber melhor como a Doutrina de Segurança Nacional funcionava. Havia uma rede de apoio para que a ideologia da DSN fosse eficaz. Além do mais, havia a participação de outros setores vinculados à segurança e informação que partilhavam treinamento com base na Doutrina. Setores como o corpo policial e não policial, as milícias, que se mostrassem aptas a defender e auxiliar na defesa dos interesses dos EUA recebiam financiamento e treinamento qualificado para a execuções de tarefas correlacionadas. (COMBLIN, 1978).

O interesse dos EUA era de vital importância no sucesso desses Escolas que, após transferir o Centro de Adestramento Latinoamericano – Divisão da Terra para Fort Gulik, tornou o espanhol a língua oficial da Escola, devido ser a língua mais falada dentro das Américas, eliminando assim quaisquer empecilhos na divulgação e entendimentos das diretrizes que a doutrinas deveria seguir. (SOUZA, 2011)

Após a Revolução Cubana, o desempenho e objetivos do Centro tornaram-se mais rígidos, focando em sua formação de contrainsurgência anticomunista. Em julho de 1963, com os novos paradigmas, o centro modificou seu nome para *United States Army School of the Americas* (USARSA), ou como ficou conhecida popularmente como Escola das Américas. (COMBLIN, 1978)

Alinhado pelas doutrinas estadunidenses, anticomunistas, essa escola colaborou e cooperou com vários governos violentos e regimes ditatoriais. Além dos cursos incluírem técnicas de guerra psicológicas, formas de interrogatório, interceptação de informação, intervenção militar, entre muitos outros, muitos oficiais responsáveis por golpes militares dentro da América Latina, participaram desses cursos tendo uma influência fortemente reconhecida pelas suas ações, inclusive dentro do Cone Sul. E foi na ação destes sujeitos que a eficácia da DSN floresceu e se sustentou no continente latino-americano, especialmente na região do Cone Sul, onde sua marca se fez presente e instrumentalizou a Operação Condor.

### 3.3. Cone sul e seus regimes militares

O Cone Sul, conjunto de países sul americanos composto por Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile e Bolívia, foram fortemente influenciados por doutrinas capitalistas americanas que, no contexto da Guerra Fria, impulsionou a criação da chamada DSN. Os regimes militares no Cone Sul anexaram mecanismos legais nas suas legislações nacionais, permitindo o uso das Forças Armadas contra a subversão, preservando assim, a segurança externa e interna e combatendo ameaças que poderiam surgir ou surtir efeito indesejado ao sistema imposto. (AGUILAR, 2011).

Os regimes militares seguiam um conjunto de ações que, a nível continental, possuíam como objetivo central impedir qualquer forma de questionamento ou enfrentamento ao regime capitalista proposto, justificando assim qualquer ação repressiva contra a sociedade civil. Em coerência, os planejamentos militares encontram três eventualidades: “a) um conflito regional contra algum vizinho específico ou uma coligação de países sul americanos; b) a guerra revolucionária de cunho interno, contra movimentos de esquerda e; c) uma guerra extracontinental, apoiando os EUA e participando indiretamente contra a URSS” (AGUILAR, 2011, p. 68).

Através de documentos da Comissão Nacional da Verdade (2015) mais de 300 militares brasileiros de diversas bases e hierarquia frequentaram a Escola das Américas, tendo participado de cursos relacionados à tortura que, posteriormente, foram utilizados no Brasil durante o período do regime militar. Como justificativa para tais práticas os militares afirmaram que esse conhecimento era de profunda importância para a Segurança Nacional, devido ao fato que as táticas de guerrilha praticadas pelos movimentos de esquerda atuavam em meios urbanos e, os exércitos tinham conhecimento até então das práticas contra uma guerra convencional. (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, 2015)

O envolvimento dos interesses dos EUA nas práticas ensinadas nas mesmas se torna evidente na obra de Comblin (1978), na qual ele frisou o material selecionado pelos instrutores (professores) dessas escolas para os alunos, material este que mantém fortemente os ensinamentos da Doutrina de Segurança Nacional e que, se comparados aos materiais oferecidos pelas escolas militares do Cone Sul nota-se uma semelhança enorme. Para preparar os exércitos latino-americanos, foram criados programas (pelo Departamento de Defesa dos EUA) para os exércitos dos países aliados. Os militares participavam de cursos, exercícios, estágios e intercâmbios nas escolas militares estadunidenses (por exemplo, a Escola das

Américas), auxiliando e entrelaçando as relações entre os oficiais latinos americanos que, posteriormente, se mostrou bastante proveitosa na troca de informações entre os países do Cone Sul. Desta maneira, os países que formavam o Cone Sul, fortaleceram suas fronteiras contra um inimigo comum, deixando de lado suas diferenças e interagindo na coerção contra os movimentos de esquerda que surgiam nesse período de Guerra Fria.

A evolução do Movimento Comunista Internacional (MCI) impulsionou os EUA a encontrar meios para manter o controle sobre o continente americano. Com isso, o fornecimento de cursos de aperfeiçoamento militar em conjunto, oferecidos pelos Estados Unidos, auxiliou na troca de informações e experiência entre os oficiais americanos, elevando o nível de medidas contra a intervenção soviética

Da mesma forma, foram criados foros para uma melhor aplicabilidade da integração entre os países do Cone Sul a ser alcançada. Tais foros como: Conferência dos Exércitos Americanos (CEA)<sup>19</sup>; a Conferência Naval Interamericana (CNI)<sup>20</sup> e o Sistema de Cooperação das Forças Aéreas Americanas (SCOFAA). Com isso a manutenção do contato direto entre as autoridades era fortificado.

Em contrapartida, foi realizada em Cuba, a Conferência Tricontinental<sup>21</sup>, criando a Organização Continental Latino Americana de Estudantes (OCLAE), instruindo entidades estudantis a atividades contra esses regimes. Logo após, Cuba patrocinou a Conferência da Organização Latino Americana de Solidariedade (OLAS)<sup>22</sup> com o objetivo de alavancar a ação revolucionária dentro do continente. (AGUILAR, 2011)

A Tricontinental estabeleceu a Junta de Coordenação Revolucionária (JCR) para “hacer más difícil la tarea repressiva del imperialismo yanqui y falicitar la própria causa” tendo a Revista Che Guevara, como seu autodenominado órgão de informação. (AGUILAR, 2011, p. 72). Tendo como apoio a Junta, existia o Ejército de Libertación Nacional (ELN) da Bolívia, o Movimento Libertación Nacional- Tupamaros (MLN) do Uruguai, o Movimento de

---

<sup>19</sup> A CEA criada em 1960, com bases na construção de um foro de debates e troca de experiências entre os militares do continente.

<sup>20</sup> Criada em 1959 com o objetivo de impulsionar e proporcionar intercambio de conhecimento, ideias, experiências e compreensão mutua dos dilemas e problemas meritimos que afetam o literal do continente.

<sup>21</sup> A Conferência de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL), mais conhecida como Conferência Tricontinental, foi realizada em Havana em janeiro de 1966.

<sup>22</sup> Proposta de um dos delegados presentes na Conferencia Tricontinental, o então deputado Salvador Allende do Partido Socialista Chileno. Foi aprovada a constituição no ano seguinte a Conferência Tricontinental, também em Havana.

Izquierda Revolucionaria (MIR) do Chile e o Ejército Revolucionario Popular (ERP) da Argentina.

Para fazer frente a esses movimentos e para a desarticulação dos mesmos, os países do Cone Sul elaboraram medidas de repressão a esses grupos. Através de reuniões de inteligência na década de 1970, a transferência de informações entre os países facilitou a localização de indivíduos participantes do movimento revolucionário.

### 3.4. A repressão nos principais estado-membro da operação condor

Os regimes militares, conforme se percebe até aqui, foram impostos ao Cone Sul através da forte influência do contexto da Guerra Fria e as diretrizes da DSN. Sugere-se uma breve explanação dos golpes dirigidos pela extrema direita nos países pertencentes ao Cone Sul e que, posteriormente, firmaram uma aliança contra subversiva de larga escala, materializada na Operação Condor, sendo que, os países que tiveram mais destaque dentro desta operação e elevaram o sentido de repressão e crueldade foram Chile, Argentina e Uruguai.

O Chile, após a vitória de Salvador Allende em 1970, preocupou os Estados Unidos devido aos fortes indícios de ligações de Allende com o Partido Comunista Chile durante sua vida política, assim Nixon expressou seu receio que o Chile se transformaria em “uma nova Cuba”. Desta forma, pressões contra o governo foram deliberadamente expressadas, causando um grande frenesi na elite da extrema direita chilena, devido às medidas e ideais de reforma agrária promovidas por Allende. Influenciados pela ditadura militar imposta ao Brasil, Augusto Pinochet ordena o golpe contra Allende e assume a presidência do Chile em 1973. Uma das principais forças de oposição ao governo de Pinochet era o Movimento de Esquerda Revolucionaria (MIR). Durante o governo de Allende era considerado um partido político, porém após o golpe, o mesmo voltou à clandestinidade, sofrendo grandes perdas e represálias pelo regime instaurado. (SOUZA, 2011))

A ditadura Chilena deixou 2.011 mortos e 1.185 desaparecidos, conforme documentação fornecida pela Comissão da Verdade e Reconciliação. No Chile além da perseguição, tortura e assassinatos de indivíduos considerados subversivos, a prática mais comum para o extermínio dos mesmos era o fuzilamento coletivo. O governo do Chile não tinha o objetivo de defender o governo imposto, pois sabia que não havia uma ameaça real

contra ele, mas praticava essas atrocidades para mostrar ao povo o valor da “humildade aos pobres”, assim como a instalação de um sistema econômico que visava o livre mercado, isento de ideias socialistas propagadas pela URSS. (HOBSBAWM, 1998).

A Argentina foi o último país a instaurar uma ditadura militar, contudo é considerada, aparentemente, a ditadura mais implacável e violenta. Em 1976, uma junta militar composta por três representantes de cada força militar derrubou a então Presidente Maria Estela Martinez de Péron (Izabelita) implantando uma ditadura militar permanente, autodenominada de Processo de Reorganização Nacional, tendo como presidente, escolhido por estes representantes, Jorge Rafael Videla.

O Exército Revolucionário do Povo (ERP), teve uma participação ativa, executando ações contra alvos militares, tanto no campo como nas cidades argentinas espalhadas por todo o Estado. Contudo o assassinato do líder do movimento, Santucho, em julho de 1976, colaborou com as já inúmeras perdas que o movimento sofrera. Por ter sido o último país a cair sob o regime militar, muitas pessoas encontravam-se em exílio no território argentino, acreditando em uma delicada esperança de segurança que, após o golpe, foi totalmente retirada. Havia exilados provenientes do Brasil, Paraguai, Uruguai, Bolívia, mas, principalmente do Chile. A Junta Coordenadora Revolucionária marchou para a Argentina após o golpe de Allende, onde foram facilmente identificados e capturados sem terem promovido qualquer ação contra a ditadura. (BRAGA, 2014)

A realização do extermínio massivo e a ocultação de cadáveres, assim como o sepultamento coletivo no Oceano Atlântico e no Rio da Prata, foram práticas costumeiras. De acordo com a Associação das Mães de Maio, o número acerca de mortos e desaparecidos chega a 30 mil. Em contraponto, a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas afirmou que o número reconhecido das vítimas da ditadura era de 8.961, mas salienta que a quantidade total é superior. (PÁDROS, 2005)

O golpe militar uruguaio ocorreu em 1973 e, aparentemente, foi a ditadura que mais eliminou opositores além das fronteiras. Contabilizando o número de 297 mortos e desaparecidos, durante a ditadura (Serviços de Paz e Justiça – Serpai), 118 foram abatidos em território argentino, enquanto 10 foram no Chile, assim como também houve mortos e desaparecidos uruguaio no Paraguai e no Chile, com a iniciativa do regime do Uruguai.

A suspensão da liberdade civil era inegável, sendo retirado o intervalo entre as aulas em escolas públicas em Montevideo, com a intenção de prevenir a interação dos jovens. Práticas contra os presos políticos violavam os direitos humanos, tendo encarceramento

prolongado em solitárias minúsculas, por cerca de 5 a 10 anos. Recebendo um tratamento de tortura física e psicológica.

Assim como nas outras ditaduras, o Uruguay tinha um inimigo declarado e cruelmente repreendido, os Tupamaros, grupo de guerrilha urbana que iniciou suas atividades no início dos anos de 1960, praticando ações de desestabilização governamental, tendo repercussão midiática internacional. Os parlamentares uruguaios Zelmar Michelini (Senador da Frente Ampla) e Héctor Gutiérrez Ruiz (Presidente da Câmara dos Deputados pelo Partido Blanco), foram assassinatos por denunciarem as atrocidades praticadas pelo governo uruguaio contra a população.

O Brasil, após 10 anos do golpe no Paraguay, definiu-se como o grande influenciador do restante dos golpes cometidos posteriormente pelos países integrantes do Cone Sul. Os EUA tornaram público documentos com fortes evidências que, ao ajudar os militares brasileiros, auxiliaram o golpe de Estado cometido contra João Goulart, que estava causando aflições nos EUA devido a simpatia ao sistema socialista cubano, além de diversas ações consideradas populistas na visão estadunidense, assim como a manutenção de uma política externa independente de Washington.

Pelo que se percebe ao se estudar a DSN e a doutrinação norte-americana, nota-se o grande projeto de poder que se elaborou no sentido de fazer frente ao poderio da URSS, ou seja, ações efetivas (em nível local – micro) visando um confronto de natureza geopolítica (nível internacional – macro). Isto sugere o que não foi possível fazer no contexto deste trabalho, uma análise das monografias da Escola Superior de Guerra (Brasil), onde é possível que se entenda melhor a articulação entre as ações em nível micro da segurança nacional dos países latino-americanos e as visões macro dos teóricos da geopolítica, o que traria mais luzes sobre o entendimento da DSN e um esclarecimento maior sobre a própria Operação Condor. Sobre esta se discorrerá nas páginas que se seguem.

## 4. OPERAÇÃO CONDOR

### 4.1. A Operação Condor

À medida que os regimes militares foram introduzidos nos países do Cone Sul, o meio de troca de informações foi elevando e prosperando, assim como o aumento de perseguições a exilados políticos que viviam em países vizinhos sob a lei de asilo político antes dos golpes militares. Como um dos diversos exemplos, alguns integrantes do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) boliviano refugiados no Chile, que desapareceram após o golpe de 1973 e exilados na Argentina, que foram perseguidos após 1976.

Para Comblin (1978, p. 16), os regimes de forças inspirados na ideologia de Segurança Nacional, “declaram guerra a todos os que não concordam com a visão autoritária da organização da nova sociedade”, que o treinamento incessante contra o comunismo e o desenvolvimento econômico, levou a uma implacabilidade crescente entre os agentes, criando um ambiente de medo e violência, onde a livre expressão e direitos individuais foram sacrificados. Uma doutrina que forçou os regimes ao uso abusivo do poder de Estado na prática de prisões arbitrárias, torturas e violações dos direitos humanos. (COMBLIN, 1978)

Durante uma solicitação em dezembro de 1992, feita pelo juiz paraguaio José Agustín Fernández e o ex-prisioneiro político Martín Almada, que havia requisitado seus antecedentes policiais, ocasionou na descoberta de documentos de um arquivo secreto da inteligência repressiva do Paraguai. Através de uma investigação mais minuciosa foi evidenciada a existência desses documentos, no qual foi denominado por um jornalista paraguaio de “Archivos del Horror”. Um arquivo que continha dados e registros de décadas de repressão paraguaia e de outros países do Cone Sul, assim como a cooperação estadunidense com os golpes militares e o auxílio para a manutenção dos mesmos. A documentação confirma a existência da Operação Condor. (LOPES, 2016)

Documentos sobre a Operação Condor disponibilizados pelo Centro de Documentação e Arquivo para a Defesa dos Direitos Humanos (CDyA) do Paraguai evidenciam o envolvimento de vários órgãos dos países do Cone Sul, desde polícia à embaixadas. Através destes documentos, os governos possuíam o conhecimento desde dados pessoais, localização, acompanhamento, até o momento de troca de prisioneiros entre os países. Estes documentos

são de suma importância para demonstrar o real envolvimento entre os países e o modo como eram realizadas as operações que só poderiam ser efetivadas em conjunto.

A documentação encontrada confirmou que na vigência da Operação Condor foram cometidos os assassinatos do ex-ministro chileno Orlando Letelier, assassinado nos Estados Unidos; do ex-presidente da Bolívia, general Juan José Torres (1970-1971), assassinado na Argentina; dos políticos uruguaios Zelmar Michelini e Hector Gutierrez Ruiz, assim como doutor Agustin Goyburú, dirigente do Movimento Popular Colorado do Paraguai, e de vários ativistas políticos chilenos, argentinos, paraguaios e brasileiros. (SOUZA, 2011. P. 160).

A documentação é rica em informações valiosas para a compreensão de como se desenvolvia a Operação, revelando detalhes burocráticos da polícia paraguaia, como relatórios de interrogatórios e cartas enviadas a diversas agências de inteligência da região e para os Estados Unidos, evidenciando o intercâmbio de informação sobre os prisioneiros políticos dos órgãos de segurança. Fichas que pertencem ao “*Archivo del Horror*”, possuíam o destino de milhares de pessoas sequestradas, torturadas e assassinadas durante o período da ditadura militares dos países do Cone sul, auxiliando em um controle de atividade repressiva por parte do Paraguai e constatando a existência de um conluio entre os serviços de inteligência dos países do Cone Sul. (LOPES, 2016)

O acervo de documentos sobre a existência da Operação Condor é muito rico e incontestável pelos países que provocaram uma onda de extermínio da oposição, através de apoio do Estado e, seria aqui interessante que se recomendasse aos pesquisadores com interesse neste tema, um vasculhamento nesta farta documentação, a fim de enriquecer ainda mais a história da América, em especial dos países do Cone Sul, e descortinar os fenômenos ocorridos nesta fase difícil do continente americano. É, portanto, uma outra sugestão que se quer deixar para novas abordagens sobre a atuação dos regimes militares.

O arquivo paraguaio tem um valor muito grande dentro deste acervo, num contexto em que muito arquivos ainda permanecem secretos ou foram deliberadamente destruídos por parte das Forças Armadas, em uma tentativa de esconder a verdadeira face da Operação Condor e o Terrorismo de Estado<sup>23</sup> provocado por parte dos países do Cone Sul. Outros arquivos menores, porém de suma importância, também trazem informações importantes para o enriquecimento da história latino-americana, pois, também sinalizam para a existência da

---

<sup>23</sup> O Terrorismo de Estado “em suma, é um sistema de governo que emprega o terror para enquadrar a sociedade e que conta com o respaldo dos setores dominantes, mostrando a vinculação intrínseca entre Estado, governo e aparelho repressivo”. (PADRÓS, 2005. P. 64).

Operação Condor e sua atuação encoberta e assustadora. Faz-se referência, por exemplo, ao Arquivo pessoal Omar Ferri<sup>24</sup>, Seções de Ordem Política e Social (SOPS)<sup>25</sup>, o arquivo eletrônico argentino *Nunca más*<sup>26</sup> e o arquivo uruguaio *Investigación Histórica sobre Detenidos Desaparecidos*<sup>27</sup>.

A notoriedade internacional do “Archivo del Horror”, deve-se ao juiz espanhol Baltazar Garzón, um dos principais responsáveis pelas investigações sobre o caso e o indiciamento criminal do general chileno Augusto Pinochet, além de desencadear processos e condenações por crime contra a humanidade por parte de militares latino-americanos que tramitam em países como Alemanha, Itália, França, Espanha, configurando casos de milhares de cidadãos desaparecidos nesses países. (CASSOL, 2008, p. 20).

#### 4.2. A oficialização da operação

Em 1974, o Primeiro Seminário Policial para a Luta Anti-subversiva no Cone Sul foi realizado em Buenos Aires com a presença dos Chefes de polícias. Entende-se desta forma ser possível que o Brasil tenha sido um dos principais influenciadores e incentivadores do que posteriormente seria conhecido como Operação Condor, por ter um avançado sistema de troca de informações nacional, auxiliando em um sistema de inteligência secreto entre os países do Cone Sul. Neste contexto, os militares, além da troca de informação dos integrantes dos movimentos de esquerda, executavam práticas de combate massivas contra a subversão.

O que parece estranho neste Seminário, é o fato de tal evento ter ocorrido na Argentina em um momento que vigorava a plena democracia de Juan Domingos Perón e os direitos e garantias individuais, pelo menos naquele período, estavam assegurados, pelo menos em tese. A dúvida que fica é a seguinte: “como o governo argentino, com autoridade sobre suas Forças Armadas, permitiu tal empreita? Qual o nível de controle que o governo de Perón tinha sobre

---

<sup>24</sup> Omar Ferri (1933 - ) Advogado e escritor do Livro *Sequestro no Cone Sul*, tornou-se defensor das causas públicas dos anos da ditadura militar brasileira.

<sup>25</sup> Arquivos vinculados a Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (BRA)

<sup>26</sup> Disponível em [Nuncamas.org](http://Nuncamas.org). Vinculado a *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (CONADEP).

<sup>27</sup> Vinculado a *Secretaria de derechos Humanos para el pasado reciente*.

o aparato de Estado?” São mais questões que se levantam neste trabalho e que desafiam futuros pesquisadores.

Tal Seminário, assim como os que o seguiram, tinha como intuito reforçar “a necessidade de integrar as forças de segurança e inteligência para facilitar a perseguição internacional dos “subversivos””. O êxito dessa união faria um bloqueio regional contra o comunismo, visando “a preservação e a vigência dos ideais ocidentais cristãos, sociopolíticos, principalmente os econômicos.” (BRAGA, 2011, p. 119).

O chefe da Direção de Inteligência Nacional (DINA), Manuel Contreras viajou para Argentina, Bolívia, Paraguai, Venezuela e Estados Unidos, com a intenção de apresentar seu projeto de repressão supranacional, e convencer os então chefes de serviços secretos locais sobre a importância da cooperação e coordenação na “eliminação do comunismo” defendendo a sociedade “ocidental e cristã” (BAUER, 2007, p.21). Surge aqui mais uma questão semelhante à anterior: a Venezuela há muito havia acabado com o regime militar e, ao que parece, sob a presidência de Carlos Andrés Pérez (eleito em 1973), vivia um período de respeito às liberdades individuais. Até que ponto o primeiro mandatário teria controle sobre suas Forças Armadas, uma vez que, pelo que consta na informação de Bauer (2007), o serviço de inteligência deste país estava na contramão do governo democrático?

A coordenação e cooperação entre os países se fez necessária diante do contexto que a América do Sul vivenciava, realizando assim também a Conferência dos Exércitos Americanos e, em sequência, a 1ª Reunião de Trabalho de Inteligência Nacional, em Santiago do Chile, 1975, com o intuito de aperfeiçoar os serviços de inteligência e abranger o alcance das informações. Os acertos sobre banco de dados e rede internacional de comunicação ficaram a cargo da Direção Nacional de Informações (DINA) chilena e posteriormente para a secretaria de Inteligência de Estado (SIDE) Argentina.

Desta forma, foram definidos acordos entre os serviços secretos dos países do Cone Sul com a colaboração de países andinos<sup>28</sup>. A atuação inicial foi fixada entre os limites territoriais dos países membros do acordo, tornando fácil a execução de ações e operações repressivas conjuntas por parte dos agentes no campo de ação. A formação de equipes especiais para viajar por essas regiões foi aprovada e efetivada, como pleno objetivo de eliminar políticos, colaboradores ou suspeitos de envolvimento em grupos esquerdistas de quaisquer país membro da Operação Condor.

---

<sup>28</sup> A colaboração de Países andinos, como Peru, Venezuela tiveram grande impacto na efetividade das operações feitas em nome da Operação Condor, porém inicialmente a atuação se deu apenas no território do Cone Sul.

A iniciativa de criação da Operação Condor coube, na verdade, às cinco ditaduras civil-militares sul-americanas e um governo sul-americano que era constitucionalmente democrático. É possível que tal registro responda parte do problema levantado na introdução deste trabalho. As lideranças políticas de extrema-direita dos países do Cone Sul foram as que, aparentemente, proporcionam a garantia que os militares necessitavam para unificarem forças repressivas contra a subversão.

A conferência<sup>29</sup> que fundou a Operação Condor, foi orquestrada pela DINAM, tendo como representantes delegados do Chile, país anfitrião, Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. O Brasil não enviou nenhum representante na ocasião<sup>30</sup>. Nesta Conferência foi decidido o nome da organização, sugerido pelo Uruguai, Condor, que além de ser uma das insígnias do brasão chileno e vários países andinos, é considerada a maior ave de rapina do mundo, habita a cordilheira dos Andes, por sua destreza e astúcia na hora na caça, chega a sobrevoar 300 km de distância por dia. Conhecido também por Abutre dos Andes, uma ave implacável, ou seja, um nome ideal para uma operação de extermínio a longo alcance.

Não havia local seguro dentro do território do Cone Sul, espiões dos serviços secretos estavam espalhados por todos os lados, embaixadas, corpo de polícia, correios, agência de telefonia, companhia de transporte e aviação, bancos estatais. A utilização de quaisquer serviços pelos perseguidos políticos acionava o serviço secreto e prontamente era monitorado pelo agência de inteligência.

O operativo legalizou a operação ilegal, respeitando apenas as fronteiras ideológicas. Disfarçados em assuntos militares e a parte da ação dos ministérios, desenvolveu-se o processo de repressão em escala supranacional aos opositores do sistema. As informações giravam e eram analisadas internamente nos organismos militares de segurança, sem a intervenção dos Ministérios de Relações exteriores de cada país, em evidente infração e violação de acordos e normas do direito internacional.

Dentre várias características da Operação Condor, as que mais se evidenciam são: natureza multinacional; estrutura paraestatal de funcionamento; seleção precisa de dissidentes;

---

<sup>29</sup> Acta Final – Acordo assinado pelos representantes do Chile, Argentina, Uruguai, Bolívia e Paraguai, pelo qual “Sistema Cóndor” é criado em 28 de novembro de 1975. (DINGES, 2009)

<sup>30</sup> Há fortes indícios através de documentação que essa operação já existia dois anos antes dessa ocasião, porém desarticulada e muitas vezes bilateralmente. Acredita-se que este tenha sido um encontro para “oficializa-la” entre os membros e aumentar o alcance da informação e atuação da repressão. (Comissão da Verdade, 2011).

utilização de grupos de extermínio, como “sindicatos do crime” e “esquadrões da morte”<sup>31</sup>; ação transfronteiriça, dirigida à pessoas exiladas no estrangeiro; e uso de tecnologia avançada para acesso a um banco de dados comum, conforme se encontra nos documentos da Comissão da Verdade.

Operações bem estruturadas, coordenadas com rigidez, burlaram Tratados e Acordos de asilo político, extradições, liberdades individuais e constitucionais. As ditaduras militares facilitaram para a derrubada de fronteiras físicas e políticas, invalidando Tratados de refugiados e desrespeitando Convenções de Direitos Humanos.

O envolvimento constante do governo estadunidense fica evidente através da documentação disponibilizada pelo Paraguai, o que permitiu, na elaboração do projeto para este trabalho, um questionamento sobre a possível coordenação da Operação Condor pelos EUA, mais precisamente por seus órgãos de Inteligência, levando-se em conta, ainda, que muitos documentos desta Operação eram aprovados e distribuídos pelas autoridades americanas.

A Operação Condor, possuía o apoio do serviço da inteligência norte-americano, através da supervisão da *Central Intelligence Agency* (CIA), que além de fornecer informações sobre contatos, auxiliava na conexão entre os exércitos, assim como capacitação técnica, militar e ideológica. Aparentemente, Uruguai e a Argentina foram os países que mais utilizaram o serviço de inteligência na Operação Condor, promovendo uma intensa perseguição e detenção a qualquer pessoa que tivesse contato com os movimentos de esquerda. Já o Brasil teve uma participação relativamente fraca dentro na Operação Condor, utilizando informações e ordens de captura sobre militantes brasileiros entre os países do Cone Sul e mesmo militantes europeus. O movimento de militantes estrangeiros era monitorado constantemente. (LOPES, 2016)

O uso de tecnologia avançada para a produção e utilização de um banco de dados, comum a todos os países-membros, foi proporcionado pela CIA. Sem a ajuda dos Estados Unidos, nenhum país da região teria tido condições para organizar e operar sozinho o avançado sistema de comunicações montado para a Operação Condor. O avanço da computação ainda era tímido na região na década de 1970 e a informatização de dados criptográficos na área de segurança só poderia ser feita com know-how externo, no caso, estadunidense – um telegrama de 1978, enviado ao Departamento de Estado dos Estados Unidos por seu embaixador no Paraguai, Robert White, localiza a sede do Sistema Condortel na área militar da Zona do

---

<sup>31</sup> Esquadrão da Morte foi uma organização paramilitar que surgiu no final da década de 1960 no Brasil, com a finalidade de perseguir e matar criminosos tidos como perigosos para a sociedade. Utilizada pelo regime militar para eliminar ameaças comunistas ou contrárias ao regime.

Canal do Panamá, então controlado pelos Estados Unidos. (Comissão da Verdade, relatório. V. 2014, p. 222)

O Brasil preferiu ter uma participação indireta na Operação Condor, contextualizando que na época de sua criação, o Brasil já estava em processo de redemocratização com o então Presidente Geisel, e os grupos de esquerda já haviam sido enfraquecidos com a repressão exercida pelo exército. Conforme colóquio com Burgardt, este tem conhecimento sobre um acordo de informações entre os exércitos brasileiro e uruguaio, chamado à época de Sistema de Informações Brasil Uruguai (SIBU), que vigorou, pelo menos, até o último governo militar brasileiro.

A Operação Condor facilitou a instalação de bases da inteligência argentina em diversas cidades para uma melhor coleta de detecção sobre pessoas vinculadas à subversão, a fim de detê-las e controlá-las. Tendo novos cúmplices a Operação Condor agregava novos aliados no final da década de 1970, aliados esses, correspondentes a duas Repúblicas andinas, assim como Equador e Peru.

Na verdade, os planos dos governos militares do Cone Sul, pelo que se percebe, eram bastante ambiciosos, pois,

os serviços uruguaios, argentinos e chilenos planejam treinar grupos em Buenos Aires para missões na Europa Ocidental. Os planos e metas não serão informados a pelo menos alguns líderes governamentais. A maior concentração de exilados latino-americanos na Europa fica em Paris. (Carta da CIA, 1976 )

Segundo a CIA, o Chile, a Argentina e o Uruguai teriam ampliado suas participações na cooperação antissubversiva, com o intuito de eliminar, também, subversivos de alto escalão que estivessem no exílio, incluindo aqui chefes de Estado e de governo.

#### 4.3. As fases do voo do condor

Através de documentos, Contrera apresenta na I Reunião Interamericana de Inteligência Nacional uma proposta de cooperação e coordenação no Cone Sul dividida em três fases na qual denominou de “coordenação efetiva”. A criação de bases de informações sobre as pessoas que estariam ligadas a movimentos de esquerda; a realização para encontrar,

identificar e prender os alvos; e a realização de operações para encontrar e eliminar pessoas que estivessem em outros continentes. A seguir, sintetiza-se as fases da Operação Condor.

#### 4.3.1. Primeira fase

Em um primeiro momento, a Operação Condor se deteve apenas a recolher informações sobre, pessoas, grupos, organizações que estivessem ligadas a subversão, apoiadores da ideologia do comunismo ou pessoas com vínculo ou contrárias aos regimes militares vigentes. Período conhecido como “*el intercambio de inteligencia sobre exilados políticos*”, marcando o início da década de 1970 no Cone Sul.

Há fortes indícios documentais que esta fase da Operação Condor tenha iniciado antes mesmo de receber este nome. Através de documentação da CIA e FBI, assim como os documentos achados no Paraguai, Uruguai e na Argentina, relatos e depoimentos de militares também afirmam que a troca de informação e a catalogação de pessoas ditas como subversivas e opositoras ao sistema já era feita, porém, foi apenas em 1975 que essas informações e dados foram fornecidas por uma base central de dados de inteligência, gerenciada pela DINA que, com o apoio tecnológico estadunidense, foi computadorizada e difundida por todos os membros da Operação Condor.

A criação de um Centro Coordenador no Chile onde seria feita a coleta de dados, troca e comunicação entre os membros foi feita nessa primeira fase. Um centro que disporia de tecnologia de ponta fornecida e com o apoio da CIA e do FBI, seria introduzido um sistema próprio de comunicação via telex, o Condortel<sup>32</sup>, onde os países membros comunicavam-se por números: Condor Um (Chile), Condor Dois (Argentina), Condor Três (Uruguai), Condor Quatro (Paraguai), Condor Cinco (Bolívia) e Condor Seis (Brasil).<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> A Condortel era uma subdivisão responsável por aparelhar os países latino-americanos com equipamentos que facilitassem a troca de informações e ações sem que fosse preciso requisitar o aparato oficial. A CIA informou que o responsável pela Condortel era o coronel argentino Luiz Francisco Nigra.

<sup>33</sup> Posteriormente entram os países andinos como colaboradores: Peru e Equador.

#### 4.3.2. Segunda fase

A segunda fase da Operação Condor partiu para a formalidade. Essa fase contou com ferramentas como a disseminação da propaganda, onde eram espalhadas mentiras para desacreditar o inimigo e enfraquecer o grupo, tornando o controle dos movimentos dos indivíduos opositores fácil e rápido, assim como a realização de missões ultra secretas para a captura e a prisão de ativistas subversivos. Esta fase foi caracterizada pela perseguição a alvos dentro dos limites do Cone Sul, ignorando fronteiras nacionais e partindo do princípio que havia um inimigo comum e ignorando o direito de exílio conquistado no que diz respeito à repressão político-militar. “O pináculo das operações do Serviço de Inteligência é o assassinato. Na linguagem da segurança da América Latina em meados da década de 70, *operação* era a palavra usada para sequestro, interrogatório sob tortura e extermínio” (DINGES, 2005)

Em 1975, a operação foi oficializada pelos integrantes dos países do Cone Sul. O golpe militar na Argentina (1976) e os casos dentro de cada país membro mostra a articulação de ações militares altamente secretas e com alta cooperação entre os mesmos. Essa fase, conforme bibliografia pesquisada, foi caracterizada por muitas prisões, sequestros, perseguições e mortes dentro dos países membros do Cone Sul. A generalização do terror tomou proporções enormes, seguida por violações dos direitos humanos nunca antes vista no território sul-americano.

Podemos citar como um dos tantos exemplos da segunda fase da Operação Condor, o assassinato de um casal chileno dentro da Argentina, General Carlos Prats Gonzalez e sua esposa Sofia Cuthbert. Este casal estava em exílio político desde o golpe de Pinochet no Chile, e não podia sair do território argentino com a alegação do governo chileno de não possuir a documentação necessária para a saída do país. Quando sua liberação foi aceita, o casal sofreu um atentado. Os responsáveis pelo assassinato do casal somente foram descobertos em 1995, o agente chileno Enrique Arancibia Clavel e o informante norte-americano da CIA Michael Townley, ambos a serviço da DINA. (BRAGA, 2014).

Um das mais ambiciosas e complexas operações da Fase dois, foi a prisão de 16 pessoas numa ação conjunta entre o Chile e a Argentina. De início a prisão do chileno Alexei Jaccard em Buenos Aires, o qual transportava uma mala com um quantia significativa de dólares; quase que simultaneamente forças argentinas prenderam treze comunistas argentinos e dois chilenos que possuíam ligações com Alexei. Enquanto no Chile, dois argentinos e dois

chilenos foram capturados pela DINA, suspeitos de serem os receptadores do dinheiro de Alexei. Todos os capturados nessa operação desapareceram. (DINGES, 2005).

Segundo Dinges (2005), o Brasil teve participação nas duas primeiras fases da Operação Condor. Inicialmente, segundo ele, com cursos e preparatórios de serviço de informação, no qual era líder, principalmente no período do General João Batista Figueiredo, fornecendo toda a base para uma operação sólida e fortificada e, posteriormente, na perseguição e prisões de suspeita de subversão.

#### 4.3.3. Terceira fase

A terceira fase da Operação Condor, elevou seu alcance a alvos subversivos em outros continentes, ocasião em que eram enviados grupos de monitoramento para a Europa e outros países, inclusive do continente africano a fim de vigiar “alvos subversivos de alto risco”. Após o monitoramento, era enviado um segundo grupo para a eliminação do mesmo.

Aqui, pode-se questionar o argumento de Dinges (2005), pois, o governo de Figueiredo, no Brasil, ocorreu quando estava em andamento a terceira fase da Operação, o que deixa dúvidas o registro do autor, segundo o qual o Brasil, neste governo, era líder em com cursos e preparatórios de serviço de informação para agentes, referindo-se às fases anteriores. Não fica bem clara a informação nesta fonte, porém, entende-se que tal, mesmo assim, não deve ser desprezada.

Porém, ainda segundo Dinges (2005), documentos da CIA afirmam que o Brasil não aderiu à terceira fase da Condor até a data de emissão da carta.

Enquanto o Brasil tinha aderido ao acordo original entre a Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia e Paraguai para cooperar em trocar informação sobre terrorismo e subversão, ainda não tinha concordado em participar de operações de campo do Condor na Europa, e limitaria sua contribuição por enquanto à provisão de equipamentos de comunicações para a Condortel, a rede de comunicações estabelecida pelos países do Condor. (...) os países do Condor que operariam na Europa eram o Chile, Argentina e Uruguai. Os países do Condor decidiram agora suspender seus planos para operar na Europa e manter um curso de treinamento em Buenos Aires para aqueles oficiais do Condor que operariam na Europa até que o Brasil decidisse participar com os outros das operações na Europa, a serem centradas na França. (CARTA DA CIA, 12 de agosto de 1976)

Dinges assegura, também, que a documentação pesquisada por ele registra que o elemento principal para a legitimidade por parte dos regimes militares na execução da Operação Condor foi a Junta Coordenadora Revolucionaria (JCR), rede de resistência criada pelos movimentos de esquerda. A JCR, era composta pelo Movimento de Libertação Nacional Tupamaros, do Uruguai, pelo Exército Revolucionário do Povo (ERP), da Argentina e pelo Movimento de Izquierda Revolucionario (MIR), do Chile, que de acordo como este autor, tinham a intenção de juntar-se com movimentos brasileiros, porém não se efetivou. Contudo a JCR, que era constituída como uma contraofensiva com grandes frustrações na luta contra os governos repressivos, proporcionou um bom motivo para a aliança feita pelos membros do Cone Sul na criação da Operação Condor.

Apesar dos esforços da JCR de articulação com o Brasil, este já estava em um momento político diferente dos outros países do Cone Sul, pois já havia passado o auge da repressão e os movimentos da esquerda brasileira já estavam enfraquecidos ou extintos<sup>34</sup>. O país atravessada um momento de redemocratização, anunciado pelo Presidente Geisel<sup>35</sup>, no qual este iniciava um processo de abertura “lenta, gradual e segura”, em que o Brasil a partir daí suspendia a censura prévia, assim como permitia manifestações pró anistia, a aceitação de greves e retorno de exilados brasileiros e da libertação de presos políticos. (QUADRAT, 2008, p. 2). Com essa situação, o Brasil se tornou alvo de muito refugiados estrangeiros perseguidos pelos regimes de seus países de origem.

O Brasil pode não ter participado da terceira fase da Operação Condor, porém, auxiliou e contribui para a realização de várias prisões de supostos subversivos em solo brasileiro, como foi, conforme colóquio com Burgardt, o caso do casal uruguaio Lilian Celiberti e Universindo Diaz, capturados e levados ao Uruguai, em ação conjunta por policiais brasileiros e uruguaio, no Rio Grande do Sul, o que causou muita repercussão na mídia gaúcha, nacional e internacional (em especial nas Rádios BBC de Londres, Central de Moscou e Voz da América, todas em seus horários de transmissão em português).

Um assassinato que teve uma repercussão midiática internacional foi o caso do ex-ministro do Chile, Orlando Letelier, no qual o carro explodiu nas ruas de Washington no final do ano de 1976, conforme já se registrou em parte anterior deste trabalho. A especulação da participação da CIA no atentado foi levantada, devido ao envolvimento da mesma com as

---

<sup>34</sup> Pelo que se sabe, em 1975, durante a Guerrilha do Araguaia, organizada pelo PC do B no norte do país, foi totalmente eliminada, assim como os outros grupos de oposição locais que eram contra o governo militar.

<sup>35</sup> General Ernesto Geisel, presidente do Brasil durante 1974 até 1979.

práticas das ditaduras do Cone Sul. Com esse episódio, vários outros assassinatos em solo estadunidense foram descobertos e começaram a chamar a atenção pelo alcance que os agentes da inteligência do Cone Sul possuíam.

#### 4.4. A participação dos Estados Unidos na Operação Condor

Cabe registrar que a instauração de regimes militares na América do Sul, especificamente na década de 1970, teve influência estadunidense onde fica evidente em um dos memorandos redigidos por Henry Kissinger<sup>36</sup> em setembro de 1970, declarando mudanças na política externa dos Estados Unidos para o Chile depois de Salvador Allende assumir a presidência chilena, assim como toda a América Latina, orientando as agências estadunidenses a aplicarem uma postura hostil no governo de Allende, dificultando sua consolidação no poder, assim como efetividade de políticas contrárias aos interesses dos Estados Unidos. Ainda no mesmo memorando, indicava que os investimentos feitos no Chile deveriam ser reduzidos ou cortados e era vedada a iniciativa de novos empreendimentos. Porém as relações entre os regimes militares vizinhos deveriam ser reforçadas facilitando e auxiliando em uma pressão por parte destes.

As interferências dos Estados Unidos na América Latina tinham o conhecimento e aprovação de Kissinger, como na execução da operação Chile, no qual causou a morte do presidente Salvador Allende em 11 de setembro de 1973 (PADRÓS, 2005, p. 240). O apoio e encorajamento na aliança entre os países do Cone Sul para uma força de segurança contra os movimentos de esquerda locais por parte da CIA e de outras agências de inteligência estadunidenses fica evidente em documentos desclassificados nos Estados Unidos, confirmando a participação e conhecimento da criação da Operação Condor.

A operação Condor é o nome-chave para o recolhimento, o intercâmbio e o armazenamento de informação secreta relativa aos denominados esquerdistas, comunistas e marxistas. Estabeleceu a cooperação entre os serviços de inteligência da América do Sul com o propósito de eliminar as atividades terroristas da região. (MARIANO, 2003, p. 18).

---

<sup>36</sup> Henry Kissinger, assessor de Segurança Nacional do presidente Richard Nixon (1969-1974) e depois secretário do Estado durante o governo do presidente Ford (1974-1977).

Dentre essa documentação, ressalta o auxílio dos Estados Unidos na comunicação entre os líderes militares sul-americanos na eliminação de alvos da oposição esquerdista no território do Cone Sul. A professora J. Patrice McSherry encontrou um telex de 1978 de Robert E. White, embaixador dos Estados Unidos para o Paraguai, ao qual descrevia uma conversa com o general Davalos, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Paraguai com o embaixador, dizendo que os chefes de inteligência sul-americanos mantinham contato através de uma instalação de comunicação em uma localizada em uma zona de influência estadunidense do Canal do Panamá, que tinha alcance por toda a América Latina.

Na obra de Dinges (2005), ele afirma que coube a CIA, o papel de treinamento dos agentes da DINA, assim como o fornecimento de tecnologia, como sistemas de comunicação avançado para a integração dos agentes da inteligência latino-americanos para a troca de informações. Dinges ainda afirma que é um mito responsabilizar a CIA pela criação da Operação Condor, culpando apenas o Chile pela a iniciativa, ressaltando que, os assassinatos e violações dos direitos humanos exercidos tem como culpados os países do Cone Sul, sem a participação da CIA, porém esta era ciente das operações e facilitou a execução das ações praticadas em nome dela. (DINGES, 2005)

Os Estados Unidos auxiliaram várias operações clandestinas, incluído a Operação Condor, com a cumplicidade da CIA, FBI e do Departamento de Estado. Não há até o momento documentação que assegure a coordenação dos EUA na Operação Condor, porém é bastante evidente seu auxílio e ciência sobre os atos sombrios praticados pelas ditaduras militares latino-americanas. Pode-se afirmar que, a disseminação do terror na população dissimulada pelo domínio político, usufruindo do poder violento institucional teve a colaboração técnica dos Estados Unidos, através de equipes de apoio e assessores especializados para uma efetividade nos métodos repressivos. (BAUER, 2007, p.10).

Ainda que não se possa atribuir aos Estados Unidos da América a coordenação da Operação Condor, considerando-se o grande envolvimento da CIA nas operações contra a subversão na América Latina, em especial no Cone Sul, há que se acreditar que a parceria da nação norte-americana com as ditaduras militares latino-americanas foi muito evidente e, partindo de tal evidência, acredita-se que possa nortear novas abordagens sobre este tema instigante, o qual este trabalho tenta provocar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando-se ao final deste trabalho, é mister que se retome a questão sobre a coordenação da Operação Condor e se atente ao final da parte anterior. As evidências até então pesquisadas não asseguram a coordenação por parte da CIA da Operação Condor, mas, a colocam entre os sujeitos envolvidos, investidores e colaboradores da mesma. É possível sim que a coordenação tenha ficado por conta dos países do Cone Sul, diretamente envolvidos na eliminação das lideranças e dos grupos de exilados políticos que se tornaram inconvenientes e isto, em parte, acredita-se que possa resolver o problema levantado à introdução e que norteou os trabalhos de pesquisa desenvolvida para este trabalho, o que leva à exclusão de uma das hipóteses levantadas.

Através da pesquisa desenvolvida analisou-se o objetivo geral para a execução deste trabalho, ou seja, como os países do Cone Sul cooperavam entre si na execução da Operação Condor, durante os anos que se seguiu o período dos regimes militares na América Latina. A maneira como as Forças Armadas coordenavam as *micro* operações para a eliminação de lideranças esquerdistas dentro e fora das fronteiras nacionais, da mesma forma que se auscultou a metodologia da Doutrina de Segurança Nacional aplicada e disseminada pelos exércitos latino-americanos. Sendo assim chega-se à conclusão que as Forças Armadas do Cone Sul detinham de total liberdade para transitarem entre os países membros com o intuito de frear o avanço comunista e focos dele dentro do território do Cone Sul, violando direitos internacionais de soberania territorial

A integração da repressão por parte dos países do Cone Sul através da Operação Condor, baseada na violação de direitos fundamentais, no total descaso e respeito aos direitos humanos internacional e soberania do “direito de ir e vir”, faz-nos repensar em o quanto nossa sociedade evoluiu nos direitos humanos. É importante não esquecer o passado para não se repetir os mesmos erros, e que nossas novas integrações venham com o intuito de melhorar o bem-estar comum, assim como a liberdade de expressão e a democracia. É através de estudos e análises acadêmicas que, os governos e agências de inteligência venham a ser forçados a abrir a verdadeira história sobre as ditaduras militares latino-americanas, assim como é dever do cidadão ter o conhecimento do passado de seu país e seus países vizinhos.

Os arquivos analisados mostram evidências inegáveis sobre a prática de Terrorismo de Estado praticada em larga escala internacional, através da Operação Condor. Assim que, a

abertura desses documentos mostra-se uma ameaça aqueles que orquestraram tais práticas, assim como a evidência sobre a veracidade dessa operação e a perseguição de pessoas subversivas em território estrangeiro causando na maioria das vezes sessões de tortura seguidas de morte. No Brasil, apesar de sua participação na Operação Condor ser como um membro “pouco ativo”, deve-se abrir novos questionamentos sobre sua real participação, pois a documentação apresentada sobre sua atuação é superficial e com lacunas duvidosas, necessitando uma aprofundamento sobre o caso.

O descobrimento do “Archivo del Horror”, encontrado em Assunción, representa um tesouro inestimável para a história obscura da América Latina, possibilitando que se faça justiça aqueles que diretamente ou indiretamente sofreram com crimes injustificáveis e intoleráveis praticados por agentes repressores com a justificativa de segurança nacional. A abertura de processos e julgamento desses agentes por toda a América Latina, Europa e África, deu certo sentimento de justiça à aqueles que sofreram durante esse período.

A execução desta pesquisa e o convite ao aprofundamento do tema é de suma importância, além de tratar sobre fatos históricos delicados sobre a atuação das Forças Armadas latino-americanas, traz à luz, fatos e evidências que até então eram guardados como “segredos de Estados”. Documentos que há pouco tempo foram liberados ao público através da Comissão Nacional da Verdade, documentos desclassificados da CIA, assim como o farto “archivo de horror” paraguaio, foram de grande valia. Sem estes esta pesquisa estaria com grandes lacunas. Evidenciou-se a dificuldade de encontrar um maior acervo sobre a Operação Condor, porém, o trabalho serviu até mesmo para levantar questionamentos sobre a real veracidade sobre muito dos fatos ocorridos neste período tão sombrio.

O combate ao comunismo no Cone Sul fez-se criar laços entre os países membros, forçando-os a ignorarem diferenças e desavenças do passado. Acredita-se que o problema de pesquisa, levantado ao se fazer o projeto deste trabalho, tenha sido esclarecido. **Como os países do Cone Sul cooperavam e coordenavam a Operação Condor?** Indo além dos questionamentos iniciais de pesquisa, abordou-se a maneira como esses atuavam e quem teve uma participação maior na efetividade desta operação, assim como as evidências encontradas da participação e consentimento dos órgãos de inteligência estadunidenses.

Ao longo do trabalho percebeu-se a dificuldade de encontrar mais referenciais teóricos, ou a dificuldade de acesso aos mesmos, no qual a grande parte vem de acessos virtuais de sites governamentais que, apesar de esforços civis e acadêmicos, a abertura total de

documentação ainda é um empecilho para análise completa dos fatos, fazendo com que esse trabalho de conclusão sirva como inspiração na criação para tantos outros relacionados ao tema, assim como para aprofundar a discussão sobre as práticas e desdobramentos que surgiram durante o período da ditadura. Com uma breve análise dos três capítulos escritos neste trabalho, pode-se dizer que as hipóteses levantadas, além de serem respondidas, levaram a outros novos questionamentos, objetivando o real sentido de continuar estudando sempre à procura de respostas e a novos trabalhos acadêmicos a fim de elucidar as práticas da Operação Condor.

A literatura utilizada de Comblin, que ao meu ver foi um dos maiores estudiosos sobre a ideologia da Segurança Nacional, com uma leitura leve e objetiva, fez com que esta pesquisa encontrasse clareza na análise dos fatos, assim como a utilização de Eric Hobsbawn e René Remont sobre a Guerra Fria, complementando os acontecimentos a nível mundial e as consequências vivenciadas no chamado Terceiro Mundo. Autores como Dinges, Mariano, Padrós foram usados com veemência para embasar os argumentos aqui expostos, assim como trabalhos acadêmicos do Marmontel e Aguilar onde, através de visões antagônicas, proporcionaram uma sutil imparcialidade dos acontecimentos pesquisados.

Com isto, resta insistir, conforme já se fez ao longo do trabalho, ou seja, provocar os pesquisadores para, no futuro, desenvolverem novas abordagens sobre este instigante tema que, não se esgota nestas páginas, porém, sugere novos desafios, uma vez que abre novos horizontes de pesquisa a quem quiser enriquecer o conteúdo aqui discutido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, Sergio Luiz Cruz. **Regimes Militares e a Segurança Nacional no Cone Sul.** São Paulo: Militares e Política, n.º 9 (jul. – dez. 2011), 64-82.

AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: A construção da hegemonia.** São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

BRAGA, Leonardo Marmontel. **Operação Condor: A internacionalização do terror.** Estudios Avanzados 21. (Santiago, jun. 2014): 111-136.

BRANT, Joseph E. **Segredos de Guerra Psicológica: Reminiscência da Segunda Guerra Mundial. Versão ebook.** Disponível no site:  
<<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/guerrap.html>> Acessado em: 20/10/2016

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade.** Disponível no site:  
<<http://www.cnv.gov.br/institucional-acesso-informacao/acervo.html>> Acessado em: 20/08/2016

\_\_\_\_\_. **Comissão Nacional da Verdade. Disponível em:**  
<<http://www.cnv.gov.br/index.php/2-uncategorised/417-operacao-condor-e-a-ditadura-no-brasil-analise-de-documentos-desclassificados>> Acessado em: 20/08/2016.

BUONICORE, Augusto. **Operação Condor: A América do Sul sob botas.** 12 de Março de 2008. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id\\_coluna\\_texto=1414](http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=1414)>  
Acessado em: 26/10/2016

CARDOSO, Ciro F. **Uma introdução à História.** 9ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

CASSOL, Gissele. **Prisão e tortura em terra estrangeira: a colaboração repressiva entre Brasil e Uruguai (1964-1985).** Dissertação de mestrado. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2008.

CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. **Metodologia Científica.** 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COMBLIN, Joseph. **A ideologia da Segurança Nacional: O poder militar na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2013.

DIEHL, Astor Antônio e TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas. Métodos e Técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DINGES, John. **Os anos do Condor: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, , 2005.

FERRI, Omar. **Sequestro no Cone Sul**. O caso Lilián e Universindo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

FILHO, Pio Penna. **O Itamaraty nos anos de Chumbo: o Centro de Informações do Exterior (CIEEX) e a repressão do Cone Sul (1966-1979)**. Revista Brasileira de Política Internacional Vol. 52 Nº 2 (Brasília, 2009): 43 – 62.

HOBSBAWM, Eric. **Era do Extremos – O breve século XX 1914 - 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LOPES, Henrique Guimarães. **Escola das Americas: treinamento militar e ideológico no canal do Panamá**. Revista Hydra, vol. 1, n. 2. Agosto de 2016.

**Manual para elaboração e normalização de trabalhos acadêmicos – conforme normas da ABNT**. Universidade Federal do Pampa, Sistema de Bibliotecas – Bagé: 2010. Disponível em:

<[http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgca/files/2012/08/MANUAL\\_versao\\_final1.pdf](http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgca/files/2012/08/MANUAL_versao_final1.pdf)>

Acessado em: 01/11/2016

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARIANO, Nilson C. **Operación Cóndor. Terrorismo del Estado en el Cono Sur**, Buenos Aires, 1998.

MIX, Miguel Rojas. **La dictadura militar en Chile e América Latina**. In

WASSERMANN, Claudia e GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos (Org.). *Ditaduras Militares na América Latina*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2004.

NYE Jr., Joseph. **A Guerra Fria. In: Cooperação e Conflito nas Relações Internacionais** Cap. 5, p. 141 - 195. São Paulo: Editora Gente, 2009.

PADRÓS, Enrique Serra. **Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança Nacional: Uruguai (1968-1985): Do *Pachecato* à ditadura civil-militar**. Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. **A ditadura civil-militar uruguaia. Doutrina e segurança nacional**. *Varia História* Vol.28 Nº 48 (Belo Horizonte, 2012): 495 - 517.

\_\_\_\_\_. **História do tempo presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos**. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v.1, n. 1, p. 30-45, jan/jun. 2009.

POLLAK, Michael. "**Memória, esquecimento, silêncio**". *Revista Estudos Históricos*, V.2 Nº 3, p 3-15, 1989.

QUADRAT, Samantha. "A preparação dos agentes de informação e a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985)". **Varia História**, Vol. 28, Nº 47, Belo Horizonte, jan/jun 2012, p. 19-41.

RAMÍREZ, Andrés. **A 40 años del Condor**. Disponível no site:  
<[http://www.ippdh.mercosur.int/wp-content/uploads/2015/11/Libro\\_A-40-a%C3%B1os-del-C%C3%B3ndor.pdf](http://www.ippdh.mercosur.int/wp-content/uploads/2015/11/Libro_A-40-a%C3%B1os-del-C%C3%B3ndor.pdf)> Acessado em: 28/08/2016

REGALADO, Roberto. **América Latina entre siglos: dominación, crisis, lucha social y alternativas políticas de la izquierda**. La Habana: Ocean Press, 2006.

RÉMOND, René. **O século XX: de 1914 aos nossos dias**. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1987.

SOUZA, Fabiano. **Operação Condor: Terrorismo de Estado no Cone Sul das Américas**. *Revista Aedos*, vol. 3, n. 8, Janeiro - Junho 2011.

UNITED STATES. **The Nacional Security Archive. In: Cable suggests u.s. role**. 2001.  
Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/news/20010306/>. Acessado em: 18/09/2016

URUGUAI. PR. **Investigación Histórica sobre Detenidos Desaperados**. Montevideo: Dirección Nacional de Impresiones y Publicaciones Oficiales, 2007.

\_\_\_\_\_. **Investigación Histórica sobre Detenidos Desaparecidos y Asesinados Políticos**.  
**Disponível em:** <<http://sdh.gub.uy/inicio/investigacion%20historica>> **Acessado em:**  
**28/08/2016**

WESSON, R. G. **A Nova Política Externa dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.